

CAPÍTULO II

POVOAMENTO E GENEALOGIA



Memória Municipal, História Local

Júlio Manoel Domingues
Junho-2003

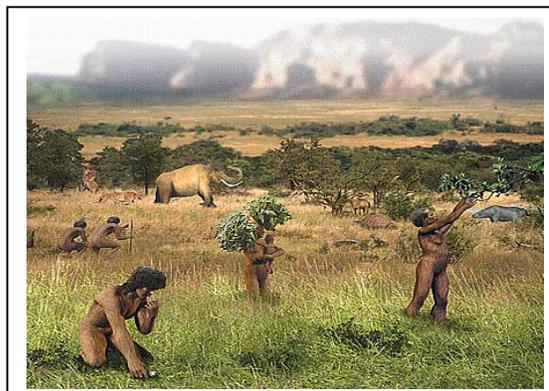
Índice

1. O IMAGINÁRIO, 55
2. O SUL - AMERICANO, 56
3. POVOAMENTO DA REGIÃO, 58
 - 3.1 O POVOAMENTO E SEUS MITOS, 60
 - 3.1.1 Peabiru, 60
 - 3.1.2 Santuário da Serpente Negra, 60
 - 3.1.3 Morro de Ipanema, 60
 - 3.1.4 Porangaba e os criadores de saci, 61
 - 3.2 POSSEIROS E SESMEIROS, 61
 - 3.2.1 Pioneiros, 62
 - 3.3 O ÍNDIO BRASILEIRO, 64
 - 3.3.1 Histórico, 64
 - 3.3.2 A presença em Porangaba, 65
 - 3.3.3 Descendentes, 66
 - 3.4 O NEGRO, 67
 - 3.4.1 Histórico, 67
 - 3.4.2 O negro em Porangaba, 68
 - 3.4.3 Escravos em Porangaba, 71
 - 3.4.4 Óbitos, 72
 - 3.4.5 Casamentos, 72
 - 3.4.6 Batismos, 73
 - 3.5 A IMIGRAÇÃO, 73
 - 3.5.1 Histórico, 73
 - 3.5.2 O Imigrante Italiano, 75
 - 3.5.3 Imigrantes em Porangaba, 75
 - 3.5.4 Italianos, 76
 - 3.5.5 Portugueses, 76
 - 3.5.6 Espanhóis, 77
 - 3.5.7 Alemães, 77
 - 3.5.8 Árabes, 77
 - 3.5.9 Outras nacionalidades, 78
4. FILHOS ILUSTRES, 78
 - 4.1 DESTAQUES
5. BIBLIOGRAFIA, 87

“ A curiosidade nos leva a indagar:
onde moravam nossos ancestrais,
como é que viviam,
qual a concepção que tinham do
destino humano?
Tudo isso facilita o entendimento do
que fizeram
ou deixaram de fazer”.

Alcântara Machado

IMAGINÁRIO, ORIGEM DAS FAMÍLIAS, IMIGRAÇÃO E FILHOS ILUSTRES



O Brasil há 11.000 anos. A temperatura era pelo menos 5° C mais fria que a atual. Animais gigantescos reinavam em savanas, campos e florestas, formando uma fauna exótica que acabou extinta.

Foto e texto da Revista Veja – 25/08/99

1. O IMAGINÁRIO

“Índigena, africano, lusitano, há entre tantos brasis, um que nunca existiu. Ou que sim, existiu, mas apenas na imaginação de quem por aqui andou, de quem desejou vir e até de quem já vivia muito antes de que essas terras fossem chamadas assim. O'Brasil ou Hy Brasil era uma ilha situada ao sudoeste da Irlanda e que chegou a figurar em mapas como o do Atlas Palmela, do século 15. Aparece também em um poema anglo-normando de 1200, como uma terra onde

não há calor nem frio excessivos, tristeza, fome ou sede. A ilha desaparece dos mapas no século 16, mas segue na imaginação popular – é citada como “High Brazil” pelo escritor irlandês James Joyce em seu “Finnegans Wake”. Em “L’Isola Brazil, do italiano Angelinus Dalorto, de 1325, foi descrita como “um largo anel de terra ao redor de um mar interior”, que só poucos aventureiros podem ver. É um mistério, porque, a rigor, Brasil viria de nosso primeiro produto de exportação, o pau-brasil. A denominação pode vir do gaélico (celta primitivo) “Bresail”, nome de um semideus. Ambas sílabas, “Bres” e “ail”, denotam admiração. Seria h uma das famosas “ilhas afortunadas” que buscavam antigos viajantes? Quem foi abençoado com a visão de outro Brasil, o de Cabral, também noticiaria para o resto do mundo conhecido um país construído em seu próprio imaginário e no de sua época. Pouco antes do descobrimento, em 1493, Cristovão Colombo já tinha visto sereias pelos mares, embora não fossem “tão bonitas quanto as pintam”. Na mente dos portugueses, a primeira idéia que surgiu foi a de que se tinha encontrado o Paraíso Terrestre, estimulados, é claro, pela visão de pessoas nuas e cheias de “iniciência”. Como cenário, uma paisagem exuberante, repleta de animais exóticos. No livro “Visão do Paraíso”, o historiador Sérgio Buarque de Hollanda conta que, em 1549, alguns portugueses chegaram a acompanhar 300 índios em uma viagem selva adentro rumo ao Paraíso. Outro português, Rui Pereira, escreve para os pais: - “Se houvesse Paraíso na terra eu diria que está no Brasil”. O maracujá (fruta da paixão) substitui a maçã. A serpente é a jibóia. O jesuíta Simão de Vasconcelos, em 1663, em parágrafos que teriam sido expurgados mais tarde, sustenta que o Paraíso só não estava na América como precisamente no Brasil. Para comprovar, citava teólogos que situavam o Paraíso Terrestre sob a linha do equinócio. Nesse Brasil imaginário, sobretudo no século 17, pululavam as criaturas míticas. Vasconcelos, seguindo os passos do espanhol Cristobal de Acuña, fala de três nações monstruosas: uma, de anões; a outra, de seres que tinham os pés ao contrário e confundiam os inimigos com suas pegadas, enviando-os na direção oposta (o Curupira?); e a terceira, de gigantes. Também conta ter visto esqueletos de homens-peixe. Outros relatos sobre seres fantásticos falam de homens com oito dedos em cada pé; com orelhas e pés gigantes; com um olho só; ou com uma só perna, muito velozes (o Saci?). Sem falar nas amazonas – ou nos canibais, que existiram, mas não peludos e faces monstruosas como os diziam antes de Hans Staden quase ser comido por tupinambás. O holandês Nieuhoff chegou a publicar, em 1682, uma obra fartamente ilustrada sobre os bichos que viu no Brasil, como o “mieren-eeter”, misto de raposa e tamanduá, o “schukverken”, mistura de queixada e tatu, ou o “o` hooyschrenkel”, cruzamento de gafanhoto e libélula com rosto humano. A fauna e a flora verdadeira só foram se revelando aos poucos, com as expedições, científicas ou não, pelo imenso território. Desfeito o Brasil da fantasia, já não havia com o que se espantar: seres reais considerados perigosos, como onças e cobras, ou mesmo os índios antropófagos, pouco podiam resistir diante do fogo dos arcabuzes. O medo agora estava do outro lado...”.

(Imagens do Brasil – Caderno Especial da Folha de São Paulo – 20/04/2000 – Cynara Menezes)

2. O SUL-AMERICANO

Ao estudar o povoamento do território paulista na direção oeste, a partir da segunda metade do século 17, tendo como ponto de referência a área entre a emergente vila de Sorocaba até as fraldas do morro de Aybytuatu, perguntas curiosas e até místicas nos vem à mente a respeito da ocupação das terras, dos pioneiros e dos primeiros moradores da região. Sabemos que somos parte de um povo surgido da mistura do invasor português com os índios, com os negros africanos e os imigrantes, miscigenação relevante na nossa constituição racial e cultural. Mas, quem teriam sido realmente os primeiros habitantes da região? Os índios certamente e que antecederam os primeiros povoadores. E antes? Houve outro povo por aqui? Se houve, como seria essa população primitiva, a formação étnica? São perguntas sem respostas, que nos intrigam e induzem para análises regressivas e profundas, até divagações¹.

Então, nos apegamos à antropologia – ciência que atingiu um estágio extraordinário no final de século passado e derrubou inúmeros tabus - que nos encoraja incluir dois estudos recentes, firmados em pesquisas genéticas que explicam a origem do homem americano e podem esclarecer muitas dúvidas.

São teses recentes que mostram a capacidade da genética molecular de recapitular eventos revolucionários humanos. Com o sugestivo título: “De onde veio o fundador da América”, o jornalista Marcelo Leite publicou na seção “Ciência”, da Folha de São Paulo, em 11/03/99, os estudos desenvolvidos pelos geneticistas Fabrício Santos e Sérgio Danilo Pena, da UFMG:

“Material genético aponta no rio Ienissei, na

¹ Em 1992, por ocasião dos 500 anos da viagem de Colombo, houve intenso debate nas Américas e Europa sobre o vocabulário adequado para descrever a chegada dos europeus ao continente. Uma crítica devastadora foi então feita ao uso da palavra “descobrimto”, por representar um insuportável etnocentrismo. De fato, só foi descobrimto para os europeus. Aqui viviam, em 1492, cerca de 50 milhões de habitantes, não muito menos que a população da Europa. A Cidade do México, capital do Império Asteca, tinha 200 mil habitantes, mais talvez do que qualquer cidade europeia. Paris tinha cerca de 150 mil.”.

José Murilo de Carvalho – Caderno Mais! – Folha de S.Paulo – 03/10/99

Sibéria, origem de parente mais próximo dos primeiros americanos.

1. *A análise cromossômica sugere que o povoamento da América tem suas origens remotas na Eurásia. Daí teriam partido duas levadas, uma em direção à região da Índia e outra para o norte, rumo à Sibéria Central.*
2. *Há 30 mil anos, em lugar do estreito de Bering havia uma passagem de terra (Beringia) entre Ásia e América. Por essa passagem, o ancestral que originou os kets e altaicos (povos da Sibéria) passou para a América, onde deu origem aos índios sul-americanos.*
3. *A passagem esteve fechada por geleiras entre 20 mil e 14 mil anos atrás, o que isolou a população que passaria a ocupar as Américas, impedindo o seu intercâmbio genético com os parentes deixados na Ásia.*
4. *Com o fim da glaciação, entre 12 mil e 10 mil anos atrás, teria sido reaberto o contato genético com populações da América do Norte, como os esquimós-aleutas. Isso explicaria suas diferenças com as populações do sul ”.*

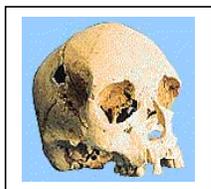
Há pouco tempo, o jornalista Daniel Hessel Teich também publicou na revista “Veja”, edição de 25/08/99, interessante matéria com o título “A Primeira Brasileira”, destacando que: “a reconstituição de um crânio de 11.500 anos, o mais antigo da América, revolucionou as teorias sobre a ocupação do continente”.

“Acreditava-se, então, que antes da descoberta da América, o continente tivesse sido ocupado uma única vez pelos antepassados dos índios atuais, que teriam vindo da região onde ficam hoje a Mongólia e a Sibéria, cerca de 12.000 anos atrás. Atravessaram o estreito de Bering, através de uma ponte de gelo e espalharam-se pelo continente até chegar na Patagônia, passando pelo Brasil. A descoberta desse crânio, que foi batizado de Luzia, derruba esta teoria. Mostra que antes da chegada dos descendentes dos índios, houve uma outra corrente, bem mais antiga, da qual Luzia seria descendente. Esses primeiros colonizadores, aparentados dos atuais aborígenes australianos, teriam saído do sul da China atual e atingido o continente americano cerca de 15.000 anos atrás – três milênios antes da segunda leva migratória. ... Viveram aqui milhares de anos, isolados do resto do mundo, até desaparecer na disputa por caças e território com a leva migratória seguinte, esta sim ancestral dos índios de hoje.

O grupo do qual Luzia faz parte é conhecido como “Homens da Lagoa Santa”, nômades coletores que viveram na região onde hoje se localiza esse município, perto de Belo Horizonte. Os primeiros ossos foram recolhidos ali pelo naturalista dinamarquês Peter

Wilhelm Lund, na primeira metade do século passado. Boa parte deles se encontra atualmente no museu da Universidade de Copenhague. Até as pesquisas feitas pelo arqueólogo Walter Neves, ninguém sabia a dimensão do tesouro que as cavernas escondiam. “Era inconcebível que tivéssemos crânios antigos de negróides. O esperado era encontrarmos populações mongolóides, que são as características dos ancestrais dos nossos índios”. Luzia era uma mulher baixa, de apenas 1,50 metro de altura. Comparada aos seres humanos atuais, tinha uma compleição física relativamente modesta para seus 20 e poucos anos de idade. Sem residência fixa, perambulava pela região onde hoje está o Aeroporto Internacional de Confins, nos arredores de Belo Horizonte, acompanhada de uma dúzia de parentes. Não sabia plantar um pé de alface sequer e vivia do que a natureza agreste da região lhe oferecia. Na maioria da vezes se contentava com os frutos das árvores baixa e retorcidas, uns coquinhos de palmeira, tubérculos e folhagens. Em ocasiões especiais, dividia com seus companheiros um pedaço de carne de algum animal que conseguiam caçar. Luzia morreu jovem. Foi provavelmente vítima de um acidente, ou do ataque de algum animal, e não teve direito nem mesmo a sepultura. O corpo ficou jogado numa caverna. Durante 11.500 anos, Luzia permaneceu num buraco, coberta por quase 13 metros de detritos minerais. Agora, passados mais de 100 séculos, a mais antiga brasileira está emergindo das profundezas de um sítio arqueológico para a notoriedade do mundo científico. Desenterrado em 1975, o crânio de Luzia é o mais antigo fóssil humano já encontrado nas Américas. Transportado de Minas Gerais para o Museu Nacional da Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro, permaneceu anos esquecido entre caixas e refugos do acervo da instituição. Foi ali que o arqueólogo Walter Neves, da Universidade de São Paulo, USP, o encontrou alguns anos atrás. Ao estudá-lo, fez descobertas surpreendentes. Os traços anatômicos de Luzia nada tinham em comum com o de nenhum outro habitante conhecido do continente americano. A medição dos ossos revelou um queixo proeminente, crânio estreito e longo e faces estreitas e curtas. De onde teria vindo Luzia? Seria ela remanescente de um povo extinto, que ocupou a América há milhares e milhares de anos e acabou dizimado em guerras ou catástrofes naturais. A hipótese de Walter Neves acaba de ser reforçada por um trabalho feito na Universidade de Manchester, na Inglaterra. Com a ajuda de alguns dos mais avançados recursos tecnológicos, os cientistas ingleses reconstituíram pela primeira vez a fisionomia de Luzia. O resultado é uma mulher com feições nitidamente negróides, de nariz largo, olhos arredondados, queixos e lábios salientes. São características que a fazem muito mais parecida com os habitantes de algumas regiões da África e da Oceania do que com os atuais índios brasileiros. O rosto foi modelado em argila mediante um minucioso trabalho de pesquisa que incluiu exames do crânio por meio de tomografias computadorizadas. A imagem final da primeira brasileira, obtida nesse processo, é mais que uma simples curiosidade científica.

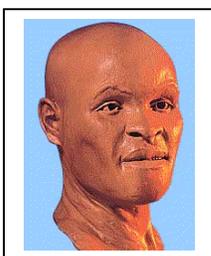
A reconstrução, passo a passo:
(Fotos da Revista Veja)



*Fóssil Copiado –
As imagens foram
processadas em computador
e o crânio foi reconstituído
de material sintético.*



*Face de Argila -
O novo crânio foi refeito
com argila; na modelagem
do queixo e das bochechas
foram usadas camadas de
massa de 15 a 20 mm.*



*A Surpresa –
A fisionomia com traços
negróides, olhos
arredondados, nariz largo e
queixo bastante
proeminente*

Todas essas novidades arqueológicas ajudaram a reformular as antigas teorias sobre a ocupação da América. Hoje, os principais centros de estudos já trabalham com a hipótese de que quatro ondas migratórias vindas da Ásia chegaram ao continente americano. A primeira é a defendida por Neves e Pucciarelli. A segunda onda é formada pelo povos mongóis, de 12.000 anos atrás, que deram origem ao índio de hoje. A terceira é dos chamados nadenes, povo que se estabeleceu na costa oeste americana. A quarta é a corrente migratória composta pelos esquimós. Os arqueólogos calculam que essas duas últimas chegaram à América entre 5.000 e 10.000 anos atrás”.

Positivamente, as teorias citadas explicam de forma regressiva o que ocorreu no continente americano em tempos tão remotos e contribuem para o entendimento da origem do homem americano. Nunca a arqueologia, biologia e genética foram tão longe na escala do tempo em busca dos ancestrais humanos e, hoje, com certeza, as análises comparativas e identificação de códigos genéticos possibilitarão comparar o DNA de 10.000 anos atrás com o dos índios atuais, o que nos propiciará saber

se existe uma fração mínima, por menor que seja, de Luzia entre nós.

3. POVOAMENTO DA REGIÃO

O povoamento inicial do território paulista ocorreu do litoral para o interior, da baixada para o misterioso sertão, que os historiadores chamavam de “terra sem dono, terra virgem para a lavoura, terra devoluta, a posse provisória do solo”.

Outro fato a considerar, e que veio refletir posteriormente no adensamento da população, foi já existir um caminho no meio da selva – o caminho do Peabiru - uma estrada de terra batida por onde os índios já passavam antes do Brasil ser descoberto; uma trilha que ligava o Atlântico ao Pacífico. O tronco principal seguia até São Vicente, enquanto outras ramificações se dirigiam a Cananéia e Iguape; era uma estrada complexa, um ramo ou feixe de caminhos que dois séculos depois formariam a malha de estradas dos tropeiros.

O solo paulista foi praticamente chão de passagem até meados do século 17, sendo muito pequeno o crescimento da população, mas, mesmo assim, o povoamento começou com as atividades dos sesmeiros e posseiros em todas as direções, a partir da vila de São Paulo, podendo ser medido pelas povoações que vingaram. Surgiram, inicialmente, fazendas, que depois viraram povoados, freguesias, vilas e cidades. A ocupação na direção oeste, ao longo do Vale do Tietê, começou a crescer, sendo confirmada pela fundação de Sorocaba (1646), São Roque (em meados do século 17), Cotia (1662), Porto Feliz (1700) e Pirapora (1725). Nessa época, Sorocaba já se destacava como centro de dominância e posto avançado de povoamento na região sul paulista. A abertura da passagem sul com a Estrada do Viamão e o nascimento da Feira de Muares – o grande mercado distribuidor de animais que supria grande parte do Brasil Central, são fatos correlatos, ligados à história de Sorocaba e, principalmente, ao surgimento do tropeirismo, que influenciou decisivamente na ocupação demográfica da região. Como não existiam estradas, deduz-se que, na mesma época, foi através de trilhas, tidas como sub-ramais do Peabiru, é que se conseguiu chegar até as nascentes do rio Paranapanema, às fazendas dos padres da Companhia de Jesus em Guareí e Botucatu. Por outro lado, começaram também a surgir povoações ao longo e nas imediações do Caminho do Viamão, principalmente entre 1775 a 1822 (muitas já pela influência do tropeirismo ²),

² O tropeirismo não foi somente uma alternativa ou o ciclo econômico e social que substituiu o bandeirismo no início do século 18; teve relação direta com o povoamento brasileiro, contribuiu para a consolidação de nossas fronteiras e mudou a história das relações comerciais no nosso país.

(Aluísio de Almeida)

alcançando as zonas do Ribeira e do Paranapanema (já na rota do Peabiru) – esboçando-se os fundamentos de Una (Ibiúna), Piedade, Tatuí, Campo Largo e Jacupiranga.

O oeste paulista era, então, um vasto território dominado por bugres, ainda selvagens, o que pode ser comprovado pelos relatos feitos pelas Câmaras de Sorocaba e Itapetininga, no ano de 1793, ao governador da capitania, denunciando os contínuos assaltos que os índios bravos faziam às fazendas e caminhos daqueles distritos. Além dessa linha já se encontravam espalhados sesmeiros e posseiros e as cartas geográficas da época mostram que a terras do “vale do rio Feio” estavam encravadas na região “itapetiningana”.³

É quase certo que os primeiros moradores da região (portugueses e seus descendentes, caboclos, mestiços, negros, mulatos e cafuzos, etc.) se instalaram nas imediações do rio Feio, antes mesmo do surgimento do núcleo que viria dar origem à vila, formando algumas células rurais esparsas, com suas culturas de subsistência e criação de gado. O afluxo de criadores e lavradores se intensificou a partir de 1830, vindos especialmente de Tatuí, Itapetininga, Sorocaba, São Roque, Cotia, Ibiúna e Piedade, apossando-se ainda das terras devolutas ou sem dono. É a dedução lógica, após consultar os livros da Capela de Nossa Senhora da Conceição de Tatuí. O próprio local, onde nasceu o povoado, deve ter sido escolhido ou demarcado, tempo depois, simplesmente como ponto de pouso de tropeiros, ou como local de parada obrigatória àqueles que rumavam ao oeste, na antiga estrada que ligava Sorocaba a Botucatu. Ficava já evidente a influência do tropeirismo no Sertãozinho de Santo Antônio do Ribeirão Feio, como foi chamado no início o bairro do Rio Feio.

³ “No início do século 18, os padres da Companhia de Jesus já tinham fazendas de criar gado nos campos de Guareí e Alto da Serra de Botucatu, ligadas entre si por caminhos que passavam pela parte meridional do atual município de Bofete, na zona do rio, desde então... Santo Inácio. Mais tarde, seria pelo fim do século, um caminho saindo de Sorocaba buscava o Paranapanema, passando por Bofete, também na sua parte sul. Mas, os estabelecimentos humanos só aparecem (nessa região) em pleno século 19, sob a forma de fazendas e sítios polarizados por Tatuí, na maior parte, e por Botucatu os que se localizavam nas fraldas da serra. ... Na direção de Botucatu, o acesso ao planalto se tornava bastante difícil pela serra, cujos morros fechavam a passagem para o sul, atingindo também àqueles que vinham de Tietê e os que desciam de Anhembi e, apenas para o lado de Porangaba e Tatuí as comunicações eram desimpedidas para o lado de Bofete; por aí, certamente, penetraram povoamento e cultura naquela direção”.

Antônio Cândido – Parceiros do Rio Bonito



Segismunda Machado

“O povoamento do oeste paulista, em meados do século 19, se deve à expansão cafeeira do vale do Paraíba para as terras do “sertão”, cujo desenvolvimento atraiu lavradores e absorveu, inclusive, escravos procedentes até da Bahia e Norte do Brasil. A expansão do café se processou a partir de 1850 e, em 1886 as plantações já atingiam as encostas da serra de Botucatu”. (Ernani da Silva Bruno-Esboço da História do Povoamento de São Paulo).

A onda chegou ao bairro do Rio Feio, quando, dentre os desbravadores vieram também algumas famílias fluminenses, chamadas de “cariocas” ou “luzias”, fato que mereceu um estudo separado.

Os imigrantes devem ter chegado por aqui por volta de 1890, a maioria representada por italianos como mão de obra direcionada à cultura de café, vindo depois os portugueses e espanhóis. Dessa leva, poucos permaneceram em Porangaba. Depois, recebemos outros que vieram livremente, com recursos próprios, para trabalhar no comércio, como negociantes, artistas (profissionais liberais) e na própria lavoura. Grande parte se fixou no município; formaram famílias tradicionais.⁴

⁴ *Durante muito tempo a nacionalidade viveu da mescla de três raças que os poetas xingaram de tristes: as três raças tristes. A primeira, as caravelas descobridoras encontraram aqui comendo gente e desdenhosa de mostrar suas vergonhas. A segunda, veio nas caravelas. Logo os machos sacudidos desta se enamoraram das moças bem gentis daquela que tinham cabelos mui pretos, compridos pelas espadoas. E nasceram os primeiros mamalucos. A terceira, veio nos porões dos navios negreiros trabalhar o solo e servir a gente. Trazendo outras moças gentis, mucamas, mucambas... E nasceram os segundos mamalucos. ... Então os transatlânticos trouxeram da Europa outras raças aventureiras. Do consórcio da gente imigrante com o ambiente, do consórcio da gente imigrante com a indígena, nasceram os novos mamalucos.*

(Brás, Bexiga e Barra Funda, A. Alcântara Machado,

3.1 O POVOAMENTO E SEUS MITOS

3.1.1 Peabiru

Foi a trilha pré-colonial chamada de “caminho do Peru” ou de “caminho do pay sumé”, como diziam os índios. Era a grande estrada terrestre dos indígenas, que fazia a ligação com os Andes, cortando o solo do Paraguai, entrando no Brasil na altura do rio Piqueri e depois, atravessando os rios Ivaí e Tibagi, bifurcava-se na altura do Vale do Ribeira, na região de Apiaí. O tronco principal seguia até São Vicente, enquanto outras ramificações se dirigiam a Cananéia e Iguape. Era a incrível rota transcontinental que unia o Atlântico ao Pacífico e já existia antes da vinda dos conquistadores. Os jesuítas atribuíam à formação uma intervenção sobrenatural, com a conclusão de que surgiu por milagre com a “passagem do apóstolo São Tomé por aquelas partes”. O historiador Afonso E. Taunay definiu: “como quer que seja, este caminho existia e muito batido, com largura de 8 palmos, estendendo-se por mais de 200 léguas... “. Este caminho pré-cabralino foi de importância fundamental pelo traçado e, especialmente, pelos personagens que por ele viajaram antes e após o descobrimento: nativos, aventureiros, viajantes, sacerdotes, soldados, fugitivos e outros. Tratava-se de uma estrada complexa, um ramo ou um feixe de caminhos. Considerando que o território paulista foi chão de passagem até o século 17, com pouca fixação do elemento humano, e como não existiam senão “trilhas” para atingir outras paragens, deduz-se que foi pelos sub-ramais do Peabiru é que se chegou até às nascentes do rio Paranapanema, às fazendas dos padres da Companhia de Jesus, em Guareí e Botucatu, tendo, sempre, a serra botucatuense a balizar os rumos da penetração e da conquista. No mapa da América Meridional, elaborado por Jean Baptiste Bourguignon Anville, de 1748, já aparece a “Serra de Ibotucatu” como ponto de referência, embora na época existisse um vazio de gente no centro-oeste paulista. Ao escrever suas reminiscências, o poeta porangabense Francisco Pássaro fez alusão a esse marco:

“...ao descortinar daqueles inigualáveis horizontes onde de um lado se desdobrava a serra de Botucatu, de outro se confrangia o morro de Bofete, acolá o monte de Torre de Pedra...”

Posicionou, fielmente, Porangaba na área de influência. Portanto, sem qualquer pretensão de avocar o caminho do Peabiru como fator importante no povoamento do antigo Rio Feio, não é desprezível a tese de que com a criação dos

caminhos alternativos, que nasciam na estrada principal e permitiam aos viajantes fugir da cobrança dos altos impostos, dos elevados custos das pousadas, etc., um deles passasse pelo Sertão do Rio Feio. É uma hipótese aceitável.

3.1.2 Santuário da Serpente Negra

Frei Fidelis Maria di Primiero, no mundo Fidelis Mott, capuchinho, nascido em Trento, Itália, viveu muitos anos em Botucatu. Além das atividades religiosas, era historiador e profundo conhecedor de nossas lendas.

*Defendia a tese de que a América foi povoada por gente da cultura suméria, praticante do culto da “serpente negra”, e entendia que a toponímia antiga da América provinha da língua dos seus antigos moradores e não do tupi. Botucatu seria o santuário da serpente escavado na pedra e cita, também, os nomes da vizinhança como prova do asserto: Lu ki ra ti ba é “vizinhança do templo da serpente brilhante escavado na pedra”; An hem by é “planície ligada ao templo”; An hu ma é “subida ao templo negro”; Ti e té é “rio que desce do templo”; Pyr am bo i a é “caminho para o templo da serpente brilhante na serra”; **POR AN GAB A** é “o templo da serpente à esquerda da serra”.*

3.1.3 Morro de Ipanema

“Sorocaba em tupi-guarani significa “terra rasgada”. Explorando o significado, obtivemos de alguns pesquisadores e conhecedores da região o seguinte:

“Morro Ipanema⁵ (um dos pontos turísticos de Sorocaba), antigo local ritualístico dos Maias, à 2000 ou 3000 anos. Conta a lenda que, nessa época, na parte mais alta do morro havia um templo onde os Maias, vindos de Cuzco ou Machupicho, chegavam até a região de Sorocaba para realizar o Ritual do Sol. Sorocaba significa “Terra Rasgada”, portanto singrado de cavernas em seu subsolo. Logo, as lendas sobre fantasmas de velhos índios, tesouros enterrados, homem-lobo, homem-morcego, são conhecidas entre os caboclos e caiçaras da região e sem contar com a estrada de Peabiru que significa caminho desconhecido (que na realidade foram caminhos feitos pelos Maias, da Cordilheira dos Andes até nosso litoral e as cavernas do Vale do Ribeira)”

“Todos nós sabemos que os Maias desceram à América do Sul para se refugiar dos exploradores espanhóis que exterminaram e saquearam todos os seus templos, mataram e escravizaram muitos de seu povo, corromperam o solo sagrado. Sorocaba possuía um templo que nunca foi achado, apenas evidências claras de que ele existe, até aí tudo caminha bem. Sorocaba possuía algo (ninguém sabe exatamente o que é) que os Bastet

⁵ Lendas da Região – Internet – Frenzy and Fury on Line – História de Sorocaba by Night) – Paulo Moraes, ufólogo, mestre da Gnose.

artigo de fundo, pág. 19/20).

vigiavam e protegiam (essa foi a causa dos conflitos com os Bastet em Sorocaba) e que alguns membros do Rio e São Paulo pressentiram algo de estranho, enviando membros de sua confiança para a cidade...!”.

3.1.4 Porangaba e os Criadores de Saci

A Associação Nacional dos Criadores de Saci nasceu quando localizaram sacis em Itajubá (MG) e pela ação de trazê-los de volta às matas de Botucatu e de outras localidades. O engenheiro José Oswaldo Guimarães, presidente da ANCS, na revista “Caros Amigos”, contou: - “ Em 1980, visitei o sítio das Três Pedras, em Botucatu, a procura de disco voador que diziam existir na região. Conversei com algumas pessoas que me afirmaram não existir nada de anormal por ali, nenhuma luz estranha, nenhum objeto voador. Ao deixar o local, ouvi um menino falar ao pai : - e a égua que saiu desembestada pelo pasto, pulando, sem que ninguém mexesse com ela? O pai respondeu: - aquilo não era disco voador, era o saci que estava montado e ficava fazendo trança na crina dela. Surpreso, perguntei se existia saci por ali. Respondeu: - mas, claro que existe; antes tinha muito mais, agora são poucos desde que chegou a luz elétrica e desmataram a região”.

O tempo passou e em Itajubá (MG) ele ficou sabendo da existência de um criatório de sacis. Fez o contato inicial e foi conhecer os viveiros no meio da mata. Perguntou se era possível levar alguns para Botucatu, pois os de lá estavam sumindo. Houve concordância e, tomados os cuidados necessários para o transporte, foram levados dois casais a um certo lugar na serra de Botucatu. Adaptados, alimentados com brotos de bambu, bananas e folhas de bananeira, procriaram e, então, o dono do lugar notou o aparecimento de outros sacis por ali, atraídos pelos novos vizinhos. A prova maior era de que ferramentas começaram a sumir, os varais das casas estavam mexidos; coisas de saci...! Para quem não sabe, “o saci é um primata que, na idade adulta, atinge um metro de altura. A cor de sua pele é bem escura, é parecido com o ser humano. Tem uma perna só. Tem a pele mais avermelhada na cabeça e que parece um gorro. Chega a usar cachimbo. ..., etc.!”

*Correu a notícia e, então, muitos procuraram a ANCS, hoje formada por médicos, músicos, dentistas, regentes, professores da Unicamp, biólogos, bancários, advogados para contar suas experiências. Que se tenha notícia, o saci vem sendo criado em Jundiá, Itajubá, Botucatu e levados uns casais para **Porangaba, SP**, numa área reservada para a introdução do animal.*

O lema da Associação é para que se criem sacis em reservas ou que sejam contadas histórias, pois ao contar uma história de saci para uma criança, você acaba criando um. O criador de sacis não é somente aquele que cuida do aumento da população na mata, mas também o

que cuida da criação desses bichinhos, ou homenzinhos de uma perna só, nas nossas cabeças.

Portanto, durante a noite, se você encontrar sacis lá pelas bandas de Porangaba, não se assuste, eles são inofensivos, são infantis, gostam de traquinagens e estripulias, não fazem mal a ninguém. Acontecendo, não deixe de nos avisar.

Fonte: http://www.esta.com.br/folclore_saci.htm

Em São Luís do Paraitinga, o major Benedito de Sousa Pinto afirmou "Conhecemos três espécies de saci: trique, saçurá e pererê. O saci mais encontrado por aqui é o saci-pererê. É um negrinho de uma perna só, capuz vermelho na cabeça e que, segundo alguns, usa cachimbo, mas eu nunca o vi. É comum ouvir-se no mato um "trique"; isso é sinal que por ali deve estar um saci-trique. Ele não é maldoso; "gosta só de fazer certas brincadeiras como, por exemplo, amarrar o rabo de animais". "O saçurá é um negrinho de olhos vermelhos; o trique é moreninho e com uma perna só; o pererê é um pretinho, que quando quer se esconder, vira um corrupio de vento e desaparece no espaço. Para se apanhar o pererê, atira-se um rosário sobre o corrupio de vento".

E mais uns informes sobre o saci: "quando se perde qualquer objeto, pega-se uma palha e dão-se três nós, pois se está amarrando o "pinto" (pênis) do saci. Enquanto ele não achar o objeto, não desata os nós. Ele logo faz a gente encontrar o que se perdeu porque fica com vontade de mijar". (Amaro de Oliveira Monteiro).

Quando se vê um rabo de cavalo amarrado, foi saci quem deu o nó. Tirando-se o gorrinho do saci-pererê, ele trará para quem lho devolva, tudo o que quiser. Quando passar o redemoinho de vento, jogando-se nele um garfo sai o sangue do saci. Outras versões: jogando-se um rosário o saci fica laçado; jogando-se a peneira, fica nela. (Home Page Oficial dos Violeiros do Brasil)

Registrados os enigmas, que para alguns são as fábulas que contam as histórias dos deuses, semideuses e heróis da antiguidade pagã e para outros a interpretação primitiva e ingênua do mundo, quaisquer ilações com as lendas comentadas por aqui, como as cavernas da Fazenda São Martinho, as “galerias subterrâneas” da Torre de Pedra, os tesouros enterrados, as mutações biológicas (mulas sem cabeça, sacis), etc., são simplesmente coincidências. Estamos encravados na parte da região sorocabana que é considerada por muitos “estudiosos” como área mística, misteriosa, de contemplação espiritual, ponto referencial de extraterrenos, etc.

**Sem entrar no mérito, vale como registro.
Acredite se quiser...!!!**

3.2 POSSEIROS E SESMEIROS

Embora fosse até previsível e esperado pela proximidade geográfica, não deixa de ser curioso que diversos sobrenomes de sesmeiros e posseiros,

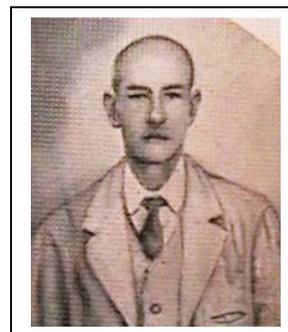
das antigas regiões de Sorocaba e Itapetininga, sejam comuns às famílias tradicionais que se fixaram no Sertão do Rio Feio, representados certamente por descendentes. Vale como registro e pesquisa, já que a comprovação definitiva exigirá buscas e estudos mais aprofundados. Eis alguns nomes de sesmeiros relacionados nas publicações do Instituto Histórico e Geográfico, revistas nº 26, 27 e 34, com os locais e as respectivas datas de doações das terras:

João de Oliveira Falcão - no lugar denominado Barra Iperó - Sorocaba, em 04/07/1728;
Antônio Nunes da Silva - no lugar denominado Piracambucú - Tietê, em 18/01/1800;
Antônio Proença - no lugar chamado barra do Rio Sorocaba - Sorocaba, em 15/12/1784;
Estanislau de Campos Arruda - em Guarehy, em 27/01/1786;
Henrique Silva Colaço - em Sarapuy - Rio Sorocaba - em 04/01/1728;
Manoel Nunes Pereira - no lugar denominado Pederneiras - Itapetininga, em 24/05/1782;
Simão Oliveira Falcão - no Rio Sarapuy - em 30/08/1758;
Antônio Gaspar Soares - em Campo Largo - Sorocaba - em 06/09/1781;
Francisco de Oliveira Falcão - no Rio Itapetininga - em 02/03/1754;
José Pires de Camargo - Porto Feliz - em 21/08/1798.
Felipe Fogaça de Almeida - no lugar denominado Però - Sorocaba, em 31/01/1742;
Geraldo Domingues - no lugar denominado Campo Largo - Sorocaba, em 06/09/1781;
Francisco Subtil - no lugar denominado Però - Sorocaba, em 31/01/1742;
Ignácio Domingues e 37 moradores - no lugar denominado Juruparú, Barra Sorocaba, em 03/10/1783;
João Affonso Pereira - Guarda Mor - em Itapetininga, em 28/07/1784;
José de Campos Bicudo - no lugar denominado Barra do rio Tatuí, em 24/03/1726;
José Nunes - no lugar denominado Pederneiras, Itapetininga, em 24/05/1782;
Joaquim e Apolônia Domingues - em Alambari, em 20/08/1783;
Francisco Domingues - em Apiai, em 22/05/1782;
André Domingues, em Apiai, em 12/03/1741;
Amaro Domingues Paes - em Sorocaba, em 18/04/1733;
Antônio Domingues - em Piedade, no lugar denominado Embahy, em 05/03/1736;
Faustino Fernandes - em Alambari, em 20/08/1785.

3.2.1 Pioneiros

Além dos primeiros moradores que constam no “Livro do Tombo” da paróquia como os fundadores, que se instalaram nas cercanias da capela, é preciso estabelecer a verdade sobre outros pioneiros que se fixaram nos sítios e áreas vizinhas, mas que sempre são omitidos ao se escrever a história de Porangaba. Vieram à procura de terras férteis e enfrentaram o sertão bravio com suas feras, as doenças, as condições inóspitas e não poderão ser esquecidos, pois foram os nossos verdadeiros “bandeirantes”. Este estudo possibilita mostrar os primeiros agrupamentos rurais - os primeiros bairros

formados - a partir de 1835, aproximadamente, todos subordinados à Freguesia de Tatuí. No início, eles possuíam grande extensão territorial. Por exemplo, o bairro do Ribeirão das Conchas, um dos mais antigos, englobava partes das terras que hoje formam os bairros dos Ferreira, Fogaça, Serrinha, Miranda, Água Choca, Moquém, etc., áreas encravadas nos atuais municípios de Porangaba, Cesário Lange, Pereiras e Conchas. O bairro Aleluia englobava também partes das terras hoje pertencentes aos bairros dos Fogaça, Pinto, Capuava, Matão, Areias, Quadra, etc. O bairro do Rio do Peixe se estendia, então, desde os Arruda, Bueno, Rio das Pedras até as terras do município de Bofete. Para melhor entendimento, é preciso registrar que as divisas das terras entre Botucatu e Tatuí, no ano de 1859, (não esquecendo que o bairro do Rio Feio pertencia a Tatuí), eram feitas através do “rio do Peixe, desde a sua barra no rio Tietê, até uma de suas cabeceiras, que tem o nome de rio Bonito, e que faz contravertente com o rio Jacuí”. Naquela época o território de Botucatu tinha a seguinte delimitação: “sua latitude (*largura*) é de 30 léguas mais ou menos, sua longitude (*comprimento*) de mais de 80 léguas: é dividido ao norte pelo rio Tietê, ao sul pelo Paranapanema, ao oeste pelo rio Paraná e ao leste pelo ribeirão do Jacuí”. Considerando a dimensão, fica claro que ao tentar relacionar os pioneiros dos sítios e fazendas, alguns nomes importantes (daqui) poderão até ser omitidos e, outros, de bairros diferentes incluídos, mas vale como registro cronológico do povoamento da “região tatuiense”. A relação é parcial e foi montada de acordo com os assentamentos nos livros da Capela da Freguesia de Tatuí, a partir de 1823, cobrindo os habitantes que se achavam dispersos nas áreas que viriam formar o território atual do município de Porangaba. É também possível que muitos tenham se fixado na região antes da data estabelecida, mas nos baseamos, como ponto de partida, nos registros existentes.



Manoel Cândido Silvestre

Bairro do Ribeirão das Conchas

1840 - Paulino Alves Barreto e Ana Thereza, Joaquim Rodrigues Ferreira; 1842 - José Ribeiro Pedroso, Ignácio José dos Santos; 1843 - Custódio Rodrigues e Maria da Conceição, Policarpo José Gomes e Maria da Conceição, Pedro Pereira; 1845 - Bento José Barreto e Maria (natural de São Roque), João Alves Barreto e Gertrudes da Conceição; 1848 - Joaquim Gonçalves Ferreira e Maria Gertrudes; 1849 - Policarpo Gomes da Silva e Jacinta Maria de Moraes; 1856 - Bento Alves Barreto e Ana Maria, Francisco Antônio Ferreira, Luiz de Souza Faria, Manoel Antônio da Silva; 1857 - Antônio Alves Barreto e Ana Francisca Pereira; 1860 - Francisco Alves Barreto e Maria da Conceição; 1866 - José Américo e Claudina; 1868 - Antônio Alves, Lucas Rodrigues de Almeida; 1869 - José Alves e Maria das Dores, Antônio de Almeida e Maria de Mello, Antônio Goes de Lima e Maria Lemes, Adão da Silva Pinto e Escolástica de Jesus, Manoel Coelho Colaço e Delfina da Conceição, Ignácio de Souza Tavares e Justina Maria de Jesus, Manoel Rosa e Ana Maria, Joaquim Valentino e Firmina de Oliveira, Vitorino de Oliveira e Cristina Rosa, João de Goes Lima e Maria da Conceição Pompeio.

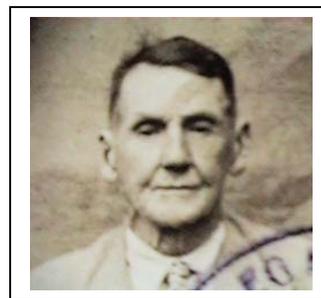
Bairro da Boa Vista

1856 - Daniel Fortunato da Palma, Manoel Ribeiro de Castro, Maria Rita Pedroso, João Pinto de Siqueira

Bairro do Rio Feio

1853 - Pedro José da Silva, Paulino Aires de Toledo, José Antunes Maciel, Cândido Silvestre Domingues e Paulina Maria da Conceição, Antônio Ribeiro Bueno e Maria das Dores (ou da Conceição), 1856 - João Florentino Soares, José Cardoso da Silva, Antônio de Mascarenhas Camillo, Policarpo José Gomes, Gertrudes Dias, José Silvestre Domingues, Salvador Ribeiro, Manoel Ribeiro, Joaquim Liberto, Antônio Marques, Antônio Lopes de Almeida, José Teodoro Martins, Manoel Machado Alves, José Lopes, Gertrudes Maria, Bernardino José de Camargo, Henriques de Oliveira, André José de Oliveira, José de Arruda, Joaquim Maria de Camargo, Vicente José Lemes, José Machado Alves, José Celestino, Pedro de Proença, Vicente Fonseca de Oliveira, José Manoel de Medeiros, Vicente Leite de Moraes, José Gabriel Arcanjo, Francisco Machado de Oliveira, Antônio Gabriel, Felisberto Manoel de Proença; 1867 - Ignácio Xavier de Freitas e Maria da Purificação; 1868 - Vicente Camargo e Gertrudes Maria da Conceição, Raimundo Antônio de Oliveira e Maria Gertrudes, Antônio Rufino da Silva e Gertrudes Maria da Conceição, Antônio Pires Guerreiro e Maria Rita do Espírito Santo; 1869 - Antônio José Fernandes e Escolástica Maria da Conceição; 1870 - Ricardo Pinto de Camargo e Joaquina Maria, Zacarias de Paula Rodrigues; 1871 - Joaquim do Amaral Camargo, Bento de Arruda, José Ferraz; 1874 - Antônio Lopes Cardoso, José Manoel de Proença e Ana Maria da Conceição, Florentino Manoel de Campos e Francisca Maria, Luciano Soares de Arruda e Custódia Maria, Martinho Leme e Ana Joaquina, João de Campos Leite e Felisbina Pereira Falcão, Manoel Branco de Miranda e Maria Luiza; 1875 - Antônio Manoel da Silva e Gertrudes M. da Anunciação (ou Gertrudes Martins Fiuza), João Antônio

da Silva e Guilhermina Maria, Francisco Alves e Ana Maria, Salvador José da Silva, Francisco Alves Agapito e Ana Maria Rodrigues, Ignácio Pereira Leme e Maria da Conceição, Francisco Ribeiro do Prado, Antônio Calixto Barreto; 1876 - Rafael do Amaral Camargo e Idalina Maria, Francisco Silvestre Domingues e Rosa da Conceição, João Florentino de Almeida e Maria Belarmina, Antônio Florentino Soares e Maria da Conceição; 1877 - Bento Manoel João e Maria da Conceição, Mariano José de Mello e Gertrudes Maria, Vicente de Oliveira e Maria de Paula; 1878 - José Gregório de Nascimento Motta, Francisco Martins; 1880 - Feliciano do Amaral Camargo, Antônio Manoel de Oliveira e Francisca Maria da Conceição; 1882 - Francisco de Arruda Ribeiro e Joaquina Maria, José Antônio de Oliveira André, Firmino Ribeiro Correa, João Batista de Camargo Barros; 1884 - Boaventura Antônio de Lima; 1885 - Roberto Silvestre Domingues, Francisco do Amaral Camargo, Antônio do Amaral Camargo; 1887 - Luiz Antônio de Oliveira e Maria da Conceição; 1888 - João Mariano Leite e Benedita Candida da Conceição; 1889 - Mariano José de Mello, Veríssimo do Amaral Camargo e Ignácia Maria da Conceição; 1890 - Antônio Silvestre Domingues e Idalina Maria.



João Teófilo de Oliveira

Bairro do Saltinho

1887 - José Xavier de Freitas;

Bairro do Rio do Peixe

1839 - Joaquim Barbosa; 1840 - José de Arruda, Antônio de Almeida, Manoel Fogaça e Gertrudes Maria; 1842 - Luiz Antônio da Silva, Pedro Leme e Maria Joaquina; 1844 - Joaquim Leite e Florisbela Maria, João Pinto de Siqueira e Manuela Pedroso, Manoel Lemos e Ana Maria; 1854 - Antônio Manoel de Moraes, Antônio Pinto, Pedro Ferraz, Antônio Prado, Gertrudes do Prado, Ana do Prado, Floriano José Bernardo, Joaquim de Campos Paes, Adão Alves Barbosa, José Mariano da Silva, João Lopes de Moraes, Francisco Pinto, Adão de Oliveira Pinto, Fortunato de Oliveira Pinto, Damásio Rodrigues, João de Lima; 1856 - Ignácio Xavier de Freitas, Antônio de Mascarenhas Camillo, Maria Leite, Henrique Dias, José Silvestre Domingues e Cândido Silvestre Domingues, José Pinto; Antônio Lourenço Marques, Jesuíno Antunes Fogaça, Francisco de Paula Vieira, Maria Felipe, Balduino Ignácio; 1857 - Policarpo José de Oliveira;

1869 - *Claro José Fragoso e Firmina Maria Francisca*;
1870 - *Francisco Xavier e Gertrudes da Mota*

Bairro do Moquéim

1855 – *Joaquim Sutil de Oliveira, João Lopes de Moraes, Francisco Antônio Rodrigues*; 1856 - *Luiz Antônio Rodrigues, José de Arruda Ribeiro, Pedro Machado, Francisco Leite de Paula, Maria Ribeiro do Prado, Joaquim da Costa, Antônio Felipe da Costa e Joaquina Costa, Vicente Pereira, Domingos Furtado*; 1868 - *Felipe de Arruda e Maria Justina*; 1869 - *Salvador Gomes da Silva e Maria Luiza, José Mathias Leite e Maria das Dores, Vicente Leite*; 1870 - *Pedro Pereira de Camargo*; 1883 - *José Ribeiro do Prado e Ana da Conceição*

Bairro Aleluia

1856 – *Joaquim de Almeida Leite, Antônio Leite, Ignácio Pinheiro*; 1866 - *Joaquim Carneiro da Silva Lobo e Antônia Carneiro da Cunha Lobo*; 1869 - *Francisco Pires de Campos e Maria Escolástica Mascarenhas*; 1871 - *Elias Lopes de Oliveira e Maria das Dores*

Bairro da Serrinha

1869 - *Antônio Soares e Ignácia Maria, Salvador José Soares e Idalina Maria do Espírito Santo*; 1872 - *Antônio Rodrigues*

Bairro do Rio Bonito

1866 – *José Pedroso e Luiza da Conceição*; 1868 - *Manoel Pedroso Garcia e Isabel Maria da Conceição*; 1870 - *Zacarias de Paula Rodrigues*

Bairro do Rio das Pedras

1869 - *Antônio Bueno e Ana Maria, Elias Antônio da Silva e Matildes da Rosa, Joaquim Gomes da Silva e Maria da Conceição, Manoel José de Oliveira e Felicidade Maria da Conceição*; 1887 - *Manoel Leite Colaço e Alexandrina Maria da Conceição*

Bairro do Ribeirão de Dentro

1869 - *José Bráulio de Camargo e Adelaide Alves de Camargo*

Bairro do Ribeirão da Vargem

1840 - *José Antônio Lima, Pedro Pires e Gertrudes de Jesus*; 1842 - *Joaquim de Oliveira e Cláudia Maria de Jesus*; 1843 - *Pedro Leme da Silva e Joana Maria, José Pereira de Araújo e Ana Bruna, Antônio de Toledo e Maria Gertrudes*; 1868 - *Benedito Teodoro e Gertrudes Maria da Conceição*; 1870 - *Firmino de Miranda*

Moradores do Rio Bonito (Bofete) e Tatuí, com interesses no Rio Feito (Porangaba):

Bofete

1840 - *Francisco Pinto de Lima, Carlos Pinto, Custódio de Souza Pinto*; 1858 - *Salvador José de Oliveira e Senhorinha Maria*

Tatuí

1834 - *Francisco de Oliveira Falcão e Ignácia Maria Leite*; 1835 - *Ignácio Nunes da Silva e Marinha (ou Martinha) de Jesus*; 1836 - *João Nunes da Silva e Ana Gertrudes*; 1844 - *Ignácio Manoel de Oliveira e Gertrudes Maria da Conceição*; 1845 - *Pedro José e Maria Francisca*; 1857 - *Francisco Xavier de Miranda e Gertrudes Maria da Conceição*; 1859 - *Antônio do Amaral Camargo e Ana Coelho de Oliveira*; 1860 - *Joaquim de Oliveira Falcão e Ana Vieira de Siqueira*; 1865 - *Salvador Gabriel do Amaral*; 1869 - *Eliodoro do Amaral Camargo*; 1871 - *Rafael do Amaral Camargo*

3.3 O ÍNDIO BRASILEIRO

3.3.1 Histórico

Antes do descobrimento do Brasil, os índios que aqui viviam já tinham descido pelos flancos da Cordilheira dos Andes e habitavam as terras que formariam o solo brasileiro. Ocorreria, então, a migração de tribos aguerridas - os tupis guaranis. Antes deles, já tinham chegado os tapuias, um povo mais atrasado, que não conhecia cerâmica, não cozinhava os alimentos, não conhecia os rudimentos da agricultura, não tecia e não construía embarcações. Para se ter idéia do tempo decorrido, essas migrações foram anteriores à vinda dos Incas ao Peru, fato que aconteceu quatro séculos antes do nosso descobrimento. Os tapuias foram empurrados pelos tupis e se refugiaram nas regiões centrais do nosso país, entre os rios Xingu e Tapajós, mas restaram algumas tribos do lado do oceano Atlântico. E qual seria a origem dos índios? ⁶ Uns, acreditam que vieram pelo Pacífico; outros, pelo Atlântico. Existem inúmeras hipóteses. Eram povos itinerantes; grupos que se subdividiam e emigravam. Os grupos tupis praticavam a caça, a pesca, a coleta de frutas, a agricultura. Já derrubavam árvores e faziam queimadas, técnica que foi incorporada pelos colonizadores. Plantavam feijão, milho, abóbora, mandioca (principalmente), cuja farinha tornou-se um alimento básico no período colonial. A economia era basicamente de subsistência. A chegada dos portugueses representou uma verdadeira catástrofe para os índios, embora resistissem fortemente aos colonizadores, principalmente quando sentiram a ameaça de escravização. Os que se submeteram, sofreram a violência cultural, as epidemias, as mortes. Desse contato, resultou a população mestiça que mostra, até hoje, sua presença silenciosa na

⁶ Quanto à origem do homem americano: “Pesquisas arqueológicas recentes realizadas em Monte Verde, a cerca de 800 quilômetros ao sul de Santiago, mostram que há 12.500 anos já haviam homens vivendo na região que hoje corresponde ao sul do Chile. A descoberta confirma os argumentos a favor da teoria de que a origem do homem americano é bem mais antiga do que os cerca de 12 mil anos citados nos tradicionais manuais de arqueologia – Jornal - O Estado de São Paulo – 12/02/97”.

formação da sociedade brasileira. Na colonização e no povoamento do território nacional, em todas as suas fases, a presença do índio sempre foi destacada e entrou no sangue da nossa nacionalidade.

3.3.2 A presença do índio em Porangaba

Mesmo com a escassez de documentos comprobatórios, mas baseado mais nas histórias da conquista do “sertão”, é certo que tribos indígenas viveram ou transitaram pelas terras que viriam formar o município. Vestígios ainda hoje são encontrados, especialmente objetos líticos. Os possíveis descendentes, na zona rural, os mamelucos - que os historiadores chamavam um novo tipo étnico em formação, já poderiam ter vindo de outras comunidades, na época em que se consolidava o povoamento rural. Os documentos pesquisados, referentes à presença do índio na região “sorocabana”, permitem concluir que enquanto viveram ou transitaram por aqui, com raras exceções, não foram molestados pelos povoadores e colonizadores. É certo, ainda, que os bandeirantes não transitaram pelas terras porangabenses, pois a literatura existente não mostra nenhuma rota que tivesse passado pelo “sertão” do Rio Feio.

Como explicar, então, a ausência de índios na nossa região, já na segunda metade do século 19? Como ocorreu a saída? Quais os motivos da retirada? Existem diversas suposições: a) o meio ambiente local (na superfície que corresponde hoje ao município) não favorecia à fixação, pois se existia caça em abundância, a pesca não era atrativa; b) faltavam grandes rios; c) a água sempre foi ruim (salobra); d) as tribos eram nômades e não permaneciam por muito tempo no mesmo local.

Quanto à presença confirmada de indígenas na região “botucatuense” e imediações, não podem ser desprezados os informes do historiador Hernâni Donato, na “História de Botucatu”:

- a) “no século 17, os oitis habitavam os campos entre Campos Martins e Rio Bonito (Bofete); os caiuás, ora pacíficos, por vezes enfurecidos, habitavam o outro lado da Serra de Botucatu;
- b) as terras dos Jesuítas, da Fazenda de Botucatu, foram confiscadas pelo Marques de Pombal - o todo poderoso ministro de Portugal, no ano de 1759 - e também as benfeitorias (currais e ranchos rústicos), escravos, cabeças de gado e cavalos; os índios catequizados fugiram, assim como muito gado escapou para a generosidade do sertão;
- c) ao citar as divisas territoriais entre as vilas de Tatuí e Botucatu, em 1859: “para o norte a

divisa natural era o Rio Tietê; para o oeste o sertão imenso e despovoado, onde os grupos de penetradores acuavam os últimos bugres”;

- d) em 1861, até 1866, as áreas rurais do município de Botucatu - não muito distante das terras que formariam o futuro município de Porangaba, ainda eram atacadas pelos índios selvagens” que por ali viviam ou transitavam.

Com base nos estudos antropológicos sobre a formação da população indígena paulista, por analogia, vestígios e objetos encontrados, os índios que viveram ou simplesmente transitaram pelas terras daqui, eram do grupo tupi. Seriam os carijós, parentes dos tupis, pertencentes ao grande tronco dos guaranis, ou, simplesmente, os tupiniquins. Eram de índole mansa, singelos e inocentes. O padre Manoel da Nóbrega a eles se referiu: “não há neles vício algum, a não ser de guerream entre si”.

A propósito, o historiador Aluísio de Almeida, na obra “Acheias à História de Sorocaba, escreveu:

“Que povo habitava esta planície e as vertentes destes morros? Isto já é pré-história. Uma pergunta curiosa. Pelos menos no século 16, eram da raça tupi-guarani os habitantes destas regiões, a julgar pelos vestígios deixados nas denominações geográficas. Provavelmente começava por estas imediações o “habitat” da grande tribo dos carijós, que se estendia desde Itanhaém até o Guairá e o Rio Grande do Sul. Pobres criaturas, foram os primeiros escravos e, em proporção tão grande, que, até no século 18 se chamavam carijós os escravos da raça vermelha de um modo geral. Haveria uma ou mais aldeias por aqui, ou apenas passavam em tropel para a caça e a pesca? A priori, pode se responder que muitas vezes os povoados brasileiros nasceram de aldeias indígenas, mesmo porque os selvagens tinham como um sexto sentido, a boa localização, a geografia. Os primeiros documentos, já do século 17, falam em paragem de Sorocaba. Note-se, também, que nos fins do século passado, foram descobertos sinais de provável aldeia, ossos, içaças, instrumentos de barro, etc...”

Complementando, o historiador José Monteiro Salazar, membro do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba e da Academia Sorocabana de Letras, no caderno especial do jornal “Diário de Sorocaba”, de 03/03/1993, assim se referiu sobre os “antigos donos da região”:

“Se pudéssemos olhar a região de Sorocaba ali por 1500, época em que o Brasil era descoberto, iríamos vê-la povoada por várias aldeias de índios. Muitos querem dizer que foram os primeiros habitantes da terra. Não é verdade, pois muito tempo antes deles já havia atividade humana em toda região. Tanto em Sorocaba, como em Boituva e em outras cidades da região foram achados artefatos de pedra, classificados como autênticas

ferramentas da “pedra polida” e sua idade dada como de uns 1.100 anos, visto que foram fabricados ali por 800 AD. E mesmo antes deles, que não podem ser chamados de indígenas na concepção que fazemos dos índios e antes dos “homens da pedra polida”, houve os da “pedra lascada”. De forma que a região já teve muitos donos. Mas quando os primeiros desbravadores por cá chegaram, ali pelo último quartel do século XV, encontraram indígenas e sua influência ainda hoje ressalta-se pelos vários nomes de lugares, nitidamente palavras da Língua Tupi, como o próprio nome “Sorocaba”. E que índios eram esses? Houve por muito tempo divergências entre os historiadores, sobre qual nação indígena imperava em toda esta região. Há autores que dizem serem os índios brasileiros apenas de dois grandes grupos: o Tupi e o Guarani. As diversas tribos (Tupinambás, Tupiniquins, Tamoios, Carijós, Aimorés, etc.) não constituíam propriamente nações independentes e sim grupos que se separavam e ganhavam dos outros índios como que apelidos devidos as práticas que adotavam e as características que adquiriam. (...) a língua era a mesma (...). Assim, os índios teriam um mesmo modo de vida, quase que a mesma língua, os mesmos hábitos. (...) Não obstante as tribos viverem errantes, deslocando-se conforme as condições da terra ou do clima, é certo que quando aqui chegaram os primeiros desbravadores, o território era constituído por elementos da tribo Tupiniquim”.

Certamente, já na metade do século 19, mais ou menos, quando cresceu o povoamento na área que tornar-se-ia o município de Porangaba, os índios já teriam emigrado, pois não são encontradas referências nos livros da Capela de Nossa Senhora da Conceição de Tatuí. Nos obituários consultados, a partir de 1823, principalmente, não encontramos também nenhuma menção aos nativos que viveram por aqui. A verdade é que quando os primeiros povoadores chegaram à região do rio Feio e áreas adjacentes, somente encontraram vestígios da presença indígena.⁷

É a conclusão lógica, não desmerecendo os interlocutores e contadores de “causos”, que dizem, por ter ouvido dizer, que, mais ou menos, por 1870,

⁷ O “Yby soroc”, “terra rasgada, terra sagrada”, era nos seus primórdios uma região povoada pelos índios tupiniquins, cujos restos arqueológicos, milenares, são até hoje ali encontrados. Há informações históricas referentes a quase cinco séculos atrás sobre um caminho lendário que levava às terras do oeste e do sul, trilha que orientou as primeiras incursões e aventuras para a conquista da terra desconhecida e fascinante no início do povoamento da colônia recém-descoberta. Nessa época, a região de Sorocaba representava “uma encruzilhada aonde convergiam, por onde viajavam e se limitavam, os tupis do Tietê, os tupiniquins e guaianases de Piratininga, os carijós dos campos de Curitiba, os guaranis do Paranapanema e outros guaianases, talvez, das nascentes desse rio, tendo a cidade nascido nessa encruzilhada pré-cabralina.

Livro João de Camargo de Sorocaba – Carlos de Campos e Adolfo Frioli - pag.59

ainda viviam índios por aqui.

Um deles, de nome Baltazar, morava numa choça atrás da capela; era curandeiro com suas ervas, cobras, amuletos e poções mágicas. É o que falavam os mais idosos. Vale como registro, já que não existe prova documental, mas, quem me contou, foi o Carlos, irmão do Marinho Sapateiro.

3.3.3 Descendentes

Quanto à presença de descendentes de índios no município, procuramos ouvir as pessoas mais idosas e obter informações à seleção de nomes. Nomes citados por unanimidade pelas pessoas inquiridas:

Lourenço Paulino da Silva - O Lourencinho, cujo porte e características físicas eram bem assemelhadas aos nossos nativos. Dizem que era neto de índios escravos, já marcados pela miscigenação; que pertenciam ao Capitão Roxo de Tatuí. Podemos afirmar que é impossível montar sua biografia, pela falta de documentos e registros de seus ascendentes. Trabalhador, formou uma das mais tradicionais famílias porangabenses, sendo seus descendentes renomados artistas. João Paulino da Silva (filho), músico de destaque; Lázaro Nogueira da Silva (Pingo) (neto), maestro e professor do Conservatório Musical de Tatuí; Martins de Porangaba (bisneto) – artista plástico de renome internacional; Hudson Nogueira (bisneto) – músico, arranjador, do Conservatório Musical de Tatuí. Dentre os seus descendentes, alguns membros chegaram a apresentar traços marcantes da origem índia, como sua filha Luiza, casada com Inocêncio Clemêncio, e o seu neto Agostinho. Hoje, ainda notamos familiares (netos e bisnetos) com vestígios indígenas bem acentuados.

Satiro Antônio Garcia - Formou importante família. Veio de Ibiúna, ainda menino, com o tropeiro Valêncio Augusto da Silva e morava no bairro do Varzeão. Tinha características bem fortes de sua origem índia. Filho de Luiz Antônio Garcia e Maria Gertrudes, casou-se com Maria Clementina de Moraes, filha de Clemente Manoel Fraga e Escolástica Francisca. Seus filhos: Benedito, Mariano, Luiz, Vicente, Antônio, Elisa (esposa do saudoso Cornélio Manoel Rodrigues - Cornélio Leme), Francisca, Isabel, Augusta, Olímpia, Paula e Zubina. Alguns de seus descendentes apresentam ainda traços nítidos da origem indígena.

Nhú Cláudia – Filha de Ricardo Pinto de Camargo (Ricardinho), cunhada do português Manoel Izidoro

Brenhas, um dos fundadores de Porangaba; foi casada com Francisco Lourenço Ribeiro – conhecido como Chico Correa. Segundo as pessoas mais idosas que a conheceram, com destaque para o testemunho do Lazineiro do Valêncio, era uma autêntica índia pela postura, comportamento e aspecto físico. Os ancestrais de seu pai Ricardinho eram certamente índios ou mamelucos de primeira geração.

Dinarte Leite Cassimiro - Patriarca de tradicional família porangabense, apresentava características marcantes, com traços definidos. Os seus descendentes diretos também mostravam claramente a origem nativa pelo aspecto físico, especialmente os filhos Maria (mãe do Beraldo), Justina (mulher do Napoleão), Antônio e Ditinho. Dentre seus netos, alguns ainda mostram sinais bem fortes dessa descendência.

Família Cubas do Amaral - existem outros nomes que merecem uma análise mais profunda, principalmente na zona rural, mas vamos destacar um ramo da família Cubas do Amaral, cujos descendentes ainda vivem nos bairros dos Ferreira e Miranda. São bem marcantes as características indígenas dos membros desse grupo, até hoje, notadamente pela pele, cabelo e aspecto físico. As mulheres se destacam pela beleza nativa. Conhecemos o Joaquim Roque, e convivemos com seu filho José Maria, nosso colega no curso ginásial em Tatuí, e ambos apresentavam traços bem nítidos da descendência índia ou mameluca.

Outros casos

Outra figura interessante foi a negra Angelina, filha de Ignácia, do bairro Aleluia, que trabalhou na casa do sr. Dassás Vieira de Camargo. Seus traços e porte físico eram típicos de “cafuzo”; a forma de falar, andar e de se comportar.

Existem outros casos de descendência na zona rural, principalmente, que merecerão um estudo mais detalhado. É bastante temerário querer posicionar descendentes sem a devida comprovação, mas, certamente, pelo biótipo das pessoas, é bem possível que sejam encontrados traços indígenas ou mamelucos em membros das famílias a seguir relacionadas: Oliveira (Boqueirão), Canhambora, Oliveira Pinto, Manoel Rodrigues (Leme), Paulino Teles, Rufino (Ruivo), Valeiro, Nunes, Cândido, Ribeiro Bueno, Mendes, Miranda, Amaral, Fogaça, Soares, Machado, etc.

3.4 O NEGRO

3.4.1 Histórico

A leitura dos textos seguintes possibilita perceber claramente o que ocorreu com os negros que, sob a forma de escravos, libertos ou descendentes, chegaram ao povoado de Santo Antônio do Rio Feio no último quartel do século 19 e no início do século seguinte.

“As formações sociais dos forros cresceram na sociedade brasileira desde o século 18 e adquiriram maior proporção ao longo do 19, especialmente a partir da lenta derrocada do regime escravista. As formas pelas quais os alforriados integraram-se no universo de homens livres foram diversas. Como assinalou Borges Pereira, após a Abolição os negros distribuíram-se por um espaço social comum a outros grupos étnicos da sociedade brasileira. Nas zonas rurais, nos amplos espaços da economia de sobrevivência ou gravitando em torno de monocultura, as populações negras mesclaram e confundiram-se com largas camadas de populações nacionais já mestiçadas com o elemento índio e com o próprio negro, aderindo ao universo de valores e estilo de vida dos homens livres. A territorialidade negra se manteve em bairros rurais originários de doações de parcelas de terras aos libertos, algumas delas anteriores à Abolição, em grupos remanescentes de quilombos ou simples ocupantes das terras e, principalmente, nos agrupamentos existentes nas cidades brasileiras”. (História da Vida Privada no Brasil - Vol.3, págs.50/55)

“A análise das condições de vida dos ex-escravos que permaneceram nas zonas rurais se confunde na mescla dos tipos sociais que organizaram suas vidas em torno de culturas de subsistência. A adesão aos padrões da organização social e modo de vida dessa população heterogênea pelos egressos da escravidão oscilou com certeza nas diferentes regiões, condicionada principalmente pelas diferentes vias de substituição do trabalho escravo. Por exemplo, nas áreas cafeeiras de São Paulo, onde os imigrantes estrangeiros eram numericamente abundantes e puderam suprir as necessidades das plantações, os trabalhadores negros foram relativamente dispensados; aderiram-se ao modo de vida caipira, caboclo, empregando-se, esporadicamente, ou dispersaram-se em direção às cidades. Os estudos realizados sobre essa camada social que se espalhou pelas mais variadas regiões geográficas, composta de tipos distintos e variados, que iam desde pequenos proprietários a arrendatários, a simples ocupantes das terras,

agregados, parceiros, meeiros, trabalhadores ocasionais e diaristas, têm indicado uma certa regularidade nos padrões de sua organização. Costuma-se dizer que viviam em torno de mínimos vitais; uma economia voltada para a produção de gêneros necessários para o consumo e para a formação de pequenos excedentes, obtida basicamente por meio do trabalho familiar; uma sociabilidade que se estendia das células familiares às relações de vizinhança e aos grupos condensados em torno de unidades sociais um pouco mais amplas, pequenas vilas, arraiais, bairros rurais, no geral de população rala”. (Idem, Vol.3, págs. 60/61)

3.4.2 O Negro em Porangaba

Quanto à participação do negro na formação da sociedade porangabense, as referências são globais, genéricas, sendo praticamente impossível identificar a procedência inicial dos grupos e elementos. O que é óbvio - são descendentes de africanos - uma afirmação simples, que pode dizer muito, mas a pesquisa exige mais.

Brasil Bandecchi, ao escrever sobre o negro na revista do Arquivo Nacional, citou Edison Carneiro (Sabedoria Popular), que afirmava:

“ O desconhecimento do negro brasileiro começa das suas origens. De onde procediam os escravos chegados ao Brasil? Sabemos vagamente que vinham da África, mas talvez não possamos apontar exatamente no mapa a situação geográfica desta ou daquela tribo. Na verdade, poucos dentre os brasileiros terão a noção das divisões tribais que existiam entre os escravos”. Supunha-se que os negros aqui chegados fossem de uma massa uniforme, mas não era bem assim e se sabe, através de estudos antropológicos, que vinham de vários grupos. Por exemplo, para melhor entendimento, vamos citar alguns clãs: os cabindas - robustos, dóceis, sendo as mulheres excelentes amas e cozinheiras; os angolas - vivos, pacíficos, trabalhadores, sensuais; os benguelas - desdentados; os fulos - raivosos e resmungões; os efãs - vingativos e conhecidos como “caras pintadas”, etc.

O que sabemos com segurança é que a população negra daqui sempre foi pequena, mesclada de escravos e descendentes que vieram principalmente de Tatuí, procedentes de outras províncias, como Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. A partir de 1860, já estavam espalhados por sítios e fazendas em bairros polarizados por Tatuí, cujas terras mais tarde passariam a pertencer ao município de Porangaba. Ainda, no último quarto do século 19, sempre em número pequeno, chegaram mais negros (escravos, descendentes e libertos) de Sorocaba, Itu, Parnaíba,

Araçariguama, Campinas, Ibiúna, São Roque, Porto Feliz, Fábrica de Ipanema, Campo Largo, Bragança, Itapetininga e do Vale do Paraíba. Mesmo assim, em 1900, a população negra era pequena em relação ao número de brancos. Curiosamente, a grande maioria dos negros sempre esteve no bairro do Matão (na parte sul do atual território municipal, próximo à divisa com a Quadra), e somente um pequeno grupo ficou na cidade. Outros, em menor número ainda, eram vistos, espalhados, em outros bairros, como Aleluia, Capuava, Lopes, Florentino, Partes, Moquém, Rio do Peixe. No bairro da Serrinha, onde se localiza a Fazenda São Martinho, houve o afluxo de escravos, mas não foi tão grande. Portanto, a concentração de negros no Matão pode ser explicada pelo fato de ser área próxima aos bairros da Aleluia e Quadra, onde estavam os grandes sítios e fazendas de café de Tatuí, com mão de obra agrícola predominantemente escrava. É possível que com a abolição da escravatura, parte dos libertos que saíram dessas fazendas tivesse se deslocado para o Matão. É bom lembrar que tudo pertencia a Tatuí e, somente, 40 anos depois é que ocorreu a emancipação política de Porangaba e foi desenhada a nova configuração geográfica que englobou parte daquelas terras tatuenses. Pode-se deduzir, também, que alguns negros já tinham se tornado proprietários muito antes, quando foram alforriados. Poucos permaneceram com as terras e a maioria emigrou para centros maiores. Os que ficaram, integraram-se facilmente na comunidade, embora sempre existisse preconceito. Formaram famílias importantes e ocorreram casamentos com brancos. Outros, continuaram na zona rural, na lavoura, como empregados, mais ou menos isolados, em núcleos que até hoje abrigam seus descendentes. Concentram-se nos bairros dos Pinto, Lopes, Florentino, Capuava e Matão. Concluindo, ainda hoje o conjunto de negros é pequeno no município; existem algumas células na zona rural e um pequeno núcleo urbano, com tendência à extinção total, fenômeno que fortalece a tese de branqueamento da população brasileira, pela permanente mistura racial. Curiosamente, nos últimos anos, chegou até a aumentar a população negra na cidade em decorrência da vinda de algumas famílias emigrantes dos Estados do Maranhão e Minas Gerais.

No dizer do conterrâneo Roque Miranda, no livro “ Porangaba e Meus Parceiros”, embora tivéssemos escravos por aqui, o que emancipou Porangaba da cultura escravista foi o seu isolamento geográfico. O povo pioneiro da região, que veio formar o município, isolou-se das primeiras levas emigradas do seio dos desbravadores e aqui foi criado um caipira especial, de religião simples inspirada no cristianismo. Depois comungaram com os

imigrantes que buscavam a paz perdida no seu mundo de origem. Criou-se uma mentalidade de fácil convívio social. Não haviam grandes fazendas de café, nem grandes engenhos e, também, não havia sinhô...!

Famílias

Seria muita pretensão listar todas as famílias de negros e descendentes que viveram em Porangaba, mas vamos citar o maior número possível.

Alguns nomes:

1. Família Nascimento

Conhecidos como os Piragibu. O casal Manoel José do Nascimento e Catarina Maria de Moraes (Nhá Catarina), veio do bairro Piragibu, da região de São Roque. Foi uma espécie de matriarcado.

Filhos:

- Dionísio Bertoldo do Nascimento - solteiro, faleceu em 1948, com 69 anos de idade;
- Pedro José do Nascimento - (Nhô Pedro), casado com Ana Maria da Conceição; faleceu em 16/08/1963 com 80 anos de idade. Filhos: Castorino José do Nascimento casado com Maria Lázara; Dionísia casada com Henrique Custódio de Arruda; teve dois filhos: Leandro e Eunice; Leontina casada com João Rosa;
- José Maria do Nascimento - (José Piragibu) - casado com Bertulina Maria da Conceição; a filha Delfina foi casada com Jaime Antônio Cesário (filho de nhô Geraldo e Benedita);
- Bastião Preto;
- Benedita Maria do Espírito Santo - casada com Geraldo Antônio Cesário (Nhô Gerardo). Filhos: Narciso, Jaime, Maria Lázara, Ana Rosa, Malvina e Benedito (Dito Preto). Nhô Gerardo, descendente de escravos, filho de Antônia do Carmo, natural de Sorocaba, veio do bairro da Água Comprida, do Rio Bonito, e foi criado por Nhana Vicente, proprietária de vastas áreas de terras naquela região. Nasceu com defeito nos dedos do pé e nunca pode usar sapato ou botina.
- Juvência - solteira;
- Maria - casada com Marciano, que veio de São Roque;
- Brasília - solteiro - (morreu assassinado)
- Generoso - solteiro - (morreu assassinado por Larico, outro negro, filho de Jerônimo e Maria Mulata);

2. Rosa Maria da Conceição (Rosa Preta)

Filhos:

Adolfo Rosa - casado com a portuguesa Joaquina;
João Rosa - casado com Leontina Nascimento (Piragibu).
Filhos: Maria, Francisco (Quico), Antônio (Tonho) e José (Zé).

3. Gerônimo Antônio da Costa (Gerônimo)

Natural de Rezende, RJ, foi casado com Maria Jacinta da Conceição – (Maria Mulata ou Maria Gerônimo);

trabalhou na fazenda da Serra Amaral.

Filhos:

Virgília - foi casada com José Sebastião Correa, (José Caxangá), irmão da Maria Caxangá, natural de Minas Gerais, filho de Felícia Rita da Conceição. Faleceu em 18/05/1942. Não tiveram filhos.

Augustinha - casada com o tropeiro Tibúrcio, filho de Marcos, natural de Ibiúna, do bairro dos Lopes;

Dionísia Maria da Conceição - (Dionísia Preta), casada com Francelino Cardoso Machado, com os seguintes filhos: Cornélio, Leticia, Nôia, Anésia, Francisca, Alicinha, Lucido, Leni;

Larico -

Deolindo -

4. Maria Cotó

Vivia com o Joaquim Baiano. O Baiano era figura bastante popular; criou-se o mito de que se transformava em lobisomem. Na realidade, era pessoa simples, humilde e trabalhador, mas era "visto com bastante suspeita, principalmente pelas crianças" .

5. Francisca

Irmã da Maria Cotó, casada com o tropeiro Ventura. Teve os seguintes filhos:

Amásia - casada com o Nestorzinho;

Ernesto -

6. Maria Caxangá

Irmã do Zé Caxangá, mãe do Miro Caxangá, viveu com Avelino Albino, (figura popular, que, quando alcoolizado, fazia estripulias pelas ruas da cidade com o seu cavalo que chamava de PRP, em homenagem ao partido político dominante na época).

Benedito Caxangá -

7. Juvenal Manoel Antônio –

filho de João Luiz e Natália Maria, casado com Virgínia Maria – Bairro do Rio Bonito.

8. Dito Floriano e Maria Floriano

9. João Herculano e Aparecida;

outros membros: Rosa Herculano, Ernesto, Jacira, João, Mingo e Silvio (bairro dos Florentino).

10. Salomão Soares

(conhecido por Felemon), filho de Salvador Soares de Miranda e Benedita Soares de Miranda, do bairro dos Florentino, natural de Tatuí, casado com Belmira Soares, faleceu em 23/10/1950 com 85 anos de idade. Deixou os seguintes filhos: Sizenando (Nande), Domingo (Mingo), Benedito (Dito), Aristides (Tidinho), Carlina, Evangelina (Titica), Gabriela (Titora) e Jorgina (Jorja). (bairro dos Florentino).

11. Nhô Nito - Benedito Vieira de Goes

Natural de São Roque, do bairro Saraçarã. A primeira mulher foi Nhá Lina, com quem teve uma filha de nome Benedita. A segunda mulher foi Otilia Maria da

Conceição, natural do bairro da Serrinha. Viveu grande parte no bairro dos Lopes/Fogaça. Filhos: Dirceu, Simeão, Walter.

12. Mateus Horácio - (bairro da Serrinha)

13. Gabriela - bairro das Partes

Foi casada com Palito; filhos de ex-escravos de Cândido Silvestre Domingues, e criados pela viúva Rosária Maria da Conceição (2a. esposa).

14. Amâncio Preto - bairro dos Florentino.

15. Roque Fautino e Lázara - bairro do Matão, Maria Lázara Paes da Silva - filha de Euclides Paes de Oliveira e Onídia Soares.

16. Mané Reginardo - Manoel Bento

Foi casado com Maria. Filhos: Maria, Dito e João.

17. Tirda (Clotilde) e família.

Filhos: Mário, Armelina Correa de Oliveira (Nêga), Liba e Percídia. Seu irmão foi Juventino, figura folclórica, que costumava dizer: “vive, quem vive, morre, quem morre, feijão!”, expressão que se popularizou na cidade. Outros irmãos: Mingo Leme e Custódio

18. Francisco Prudente

Veio do bairro da Boa Vista; presbiteriano.

19. Família Moraes

João de Moraes casado com Maria Umbelina.. Presbiteriano. Filhos: Maria de Moraes; Luiza Moraes de Souza, casada com João de Souza; Diniz de Moraes, casado com Placidina Marcelino de Moraes; Jaime de Moraes, casado com Lázara dos Santos Moraes e Manassés de Moraes, casado com Iracema de Moraes.

20. Negro Capuchaba - bairro do Varzeão.

21. Angelina - bairro da Aleluia.

Filha de Ignácia, trabalhou na casa de Dassás Vieira de Camargo.

22. João e Nhá Antônia - bairro dos Poli.

João Pernambuco ou João Cigano, casado com Maria Antonia da Conceição (Nhá Antonia). Filhos: Laudelino Trajano (figura popular) e Manoel Trajano.

23. João Roberto Rodrigues - bairro da Serrinha.

Filho de Francisco Rodrigues dos Santos (Bofete) e Maria Romana (natural de Rezende-RJ).

24. João Bento - bairro dos Poli.

Filhos: Dinho, Bia e Alice.

Obs. Bia foi destacado jogador de futebol em Tatuí, onde reside, atuando no tradicional XI de Agosto como titular absoluto.

25. Negro Matias

(Baleado pelo Inocencio Pereira).

26. Família Xavier de Freitas - bairro dos Lopes

Chico Xavier,
João Xavier de Freitas, casado com Maria Francisca Xavier, pais do Dinho da Luz;
José Xavier, filhas: Arminda e Florisbela.

27. Zulmira - do bairro do Matão.

Mulher valente, de vida fácil, não fugia de briga e tornou-se assassina.

28. Julião

Filhos: Eugênio, Palmiro (gago), Eudóxia.

29. Messias

Tropeiro, trabalhou com Nhô Jango Mendes

30. Joaquim Preto

Tropeiro, trabalhou com Nhô Jango Mendes.

31. Mantino - bairro da Serrinha.

Amantino Wenceslau Domingues, com mais de 85 anos de idade, nasceu na Fazenda São Martinho, filho de Abílio Dionísio Ramos e Vitória Maria da Conceição. Seu pai veio menino para Porangaba, com seus avós paternos: Dionísio Martins de Brito e Maria Ramos dos Santos, de Feira de Santana (Bahia). Seus pais casaram-se em Porangaba e seu avô materno foi Antônio Vieira.

32. Benedito Pinto da Silva e Alice Mendes da Silva,

pais do Luiz Preto e da Elisa (casada com o Ico de Tatuí)

33. Dito Chato

34. Mâncio Preto - bairro Aleluia:

35. Luiz Mathias (Lobo) –

veio do bairro Guaraná, ainda menino, para o bairro dos Fogaça -

36. João Pinto,

37. Nhá Joaquina - mãe do Nízio Lourenço.

38. Augusto Preto - bairro dos Mariano

39. Bairro do Matão:

Chico e Firmo Preto (Firmão) - filhos da Ambrosina; Pedro Abílio

40. Bairro da Serrinha:

Francisco Adão; Zé Tomé

41. Bairro da Boa Vista:

Amantina da Conceição - mulher do Chico Vicente ou Chico Aleluia - natural de Angatuba.

42. Bairro dos Lopes:

Tibúrcio Barbosa Carneiro - filho de Paulino e Amantina
- natural da Quadra.

43. José Alfredo Ferreira

filho de Manoel Ferreira, natural de Porto Feliz.

44. Joaquim da Costa Leite - Bairro dos Mariano:

filho de Nhá Clídia - figura popular, que usava um relógio despertador no bolso.

45. Orestes de Moura

servente das Escolas Reunidas de Porangaba.

46. Bairro da Capuava

Lázaro Soares;

Isaura Maria da Conceição - viúva de Abílio Manoel Luiz,
filha de Justiniano Pinto e Laurinda Soares

47. Juvenal Grande e irmãos

bairro do Camilo de Moraes

48. Estevam Alves de Oliveira

filho de Francelino Alves de Oliveira e Francelina Maria.

49. Benedito Pedroso

filho de Benedita Maria, casado com Maria de Jesus,
filha de Joaquim Antônio de Medeiros e Francelina Maria
da Conceição

50. Severino Paes

filho de Eslabão Paes de Oliveira e Isolina Maria da
Conceição, casado com Francisca Vieira Pinto, filha de
Ignácio Vieira Pinto e Benedita Vieira Ferreira

51. Benedito Napoleão - (pedreiro)

filhos: Dirce e Otacílio;

52. Dalina

mãe da Líbia, que foi casada com Ismael Capitão.

53. Churrasco

veio de Tatuí, motorista e destacado jogador de futebol
nos anos 40

54. Vadô Preto**55. Nhô Elídio e Dorva;**

Dote, Bilu e Nêsia, Gumercindo (filho de Nhô Elídio) e
Zoraide;

56. Roque Sapo (Roque Faustino)

casado com Maria Lázara;

57. Benedito Camargo (Areias);**58. Ditinho**

Administrador da Fazenda São Martinho (1940).

59. Dionísio Lourenço – filho de Benedito Lourenço e
Joaquina Vieira

60. José Luiz de Souza – veio de Guareí

61. Francisco Pinto e Domênica Penha

Filha : Maria Benedita Pinto

62. Abílio Dionísio - filho de Dionísio Martins e Maria
Ramos, casou-se 2 vezes: 1o. com Vitória Maria da
Conceição e 2o. com Maria de Oliveira.

3.4.3 Escravos em Porangaba

Qualquer indagação sobre a existência de escravos em Porangaba, sempre foi respondida com pouca segurança. A maioria dos interlocutores - pessoas mais idosas – acreditava que sim; ouviu dizer, não sabia precisar datas e nomes, ficando tudo envolto por boatos e dúvidas, mas as respostas são aceitáveis pelos seguintes motivos:

- a) o tempo decorrido;
- b) a falta de documentos;
- c) a concentração em Tatuí do maior grupo de escravos negros, comprovada através dos documentos da paróquia daquela cidade;
- d) a pequena população negra remanescente, no início do século 20, pouco mais de cinquenta famílias dispersas no povoado e bairros, formadas por ex-escravos, libertos e descendentes;
- e) a maior concentração de negros e descendentes no bairro do Matão, pela proximidade dos bairros da Aleluia, Capuava, Quadra e Areia Branca, áreas onde os ricos fazendeiros tatuienses tinham grandes propriedades rurais e muitos escravos.

Mas, como o povoado do Rio Feio foi “bairro” de Tatuí, a simples pesquisa nos livros da igreja daquela cidade, a partir de 1823, permitiu constatar que também tivemos escravos. É verdade, em quantidade bem menor. Eis a relação parcial de alguns sitiantes e fazendeiros escravocratas, a localização por bairros, embora muitos desses proprietários tivessem domicílio em Tatuí.

Bairro do Rio Feio

João Machado da Silva; Segismunda dos Santos Fonseca (conhecida por Segismunda Machado); Ignácio Xavier de Freitas; Maria Joaquina de Moraes; Cândido Silvestre Domingues; Rosária Maria da Conceição; Antônio Pires de Camargo; Antônio Augusto Martins; Rafael do Amaral Camargo; Geraldina do Amaral Camargo; Francisco do Amaral Camargo

Bairro do Moquém

Vicente Leite

Bairro da Serrinha

Manoel Antônio da Silva; João Guedes Pinto de Mello

Bairro Aleluia

Domingos Carneiro da Silva Braga; Antônio Rodrigues da Rocha; Francisco Pires de Camargo; Maria Escolástica Mascarenhas; Carlota Carolina Carneiro; José Vieira de Miranda; Antônio Albano de Oliveira Rosa, Fortunata Maria de Oliveira; Felipe de Campos Bicudo

Bairro do Ribeirão de Dentro

José Bráulio de Camargo e Adelaide Alves de Camargo

Bairros das Areias

Salvador Gabriel do Amaral; Feliciano do Amaral Camargo; Antônio do Amaral Camargo e Geraldina do Amaral Camargo

Bairro do Rio do Peixe

José Borges

Bairro do Ribeirão das Conchas

Policarpo José Gomes; Francisco Lopes da Motta

Tatuí

Francisco José Domingues

3.4.4 Óbitos de Escravos

Analisando os registros nos livros da Capela de Nossa Senhora da Conceição de Tatuí, desde 1823, selecionamos alguns assentamentos de óbitos de escravos, cujos senhores viveram ou tiveram fazendas no Rio Feio.

Luciana - escrava de José Borges, no bairro do Rio do Peixe, faleceu em 18/06/1843, com 20 anos de idade e foi sepultada no cemitério de Tatuí;

Maria - escrava de Ignácio Xavier de Freitas, no bairro do Rio Feio, faleceu em 11/05/1867, com 30 anos de idade e foi sepultada no cemitério de Tatuí;

Maria - escrava de Antônio do Amaral Camargo, no bairro das Areias, faleceu em 11/01/1867, com 30 anos de idade e foi sepultada em Tatuí;

Maria Perpétua - escrava de Manoel Leite, no bairro do Moquém, faleceu em 27/11/1869, com 80 anos de idade e foi sepultada no cemitério de Tatuí;

José - escravo de João Machado da Silva, no bairro do Rio Feio, faleceu em 02/06/1870, com 80 anos de idade e foi sepultado no cemitério de Tatuí;

América - escrava de Francisco Lopes da Motta, no bairro do Ribeirão das Conchas, faleceu em 15/08/1871, com 25 anos de idade e foi sepultada no cemitério de Tatuí;

André - escravo de Antônio do Amaral Camargo, no bairro das Areias, faleceu em 17/01/1872, com 60 anos de idade e foi sepultado no cemitério de Tatuí;

Simão - escravo de Antônio do Amaral Camargo, no

bairro das Areias, faleceu em 28/11/1872, solteiro, foi sepultado no cemitério de Tatuí;

Rafael - escravo de Feliciano do Amaral Camargo, no bairro das Areias, faleceu em 14/02/1873, com 60 anos de idade e foi sepultado no cemitério de Tatuí;

Manoel - escravo de Antônio do Amaral Camargo, no bairro das Areias, faleceu em 26/02/1875, com 46 anos de idade e foi sepultado no cemitério de Tatuí;

Vicente - escravo de Antônio do Amaral Camargo, no bairro das Areias, faleceu em 26/07/1875, com 40 anos de idade e foi sepultado no cemitério de Tatuí;

Luciana - escrava de Fortunata Maria de Oliveira, no bairro Aleluia, faleceu em 14/09/1875, com 40 anos de idade e foi sepultada no cemitério do Rio Feio;

Venâncio - escravo de Cândido Silvestre Domingues, no bairro do Rio Feio, faleceu em 04/12/1875 e foi sepultado no cemitério do Rio Feio;

Joaquim - escravo de Manoel Antônio da Silva, no bairro do Rio Feio (Serrinha), faleceu em 24/12/1879, com 70 anos de idade e foi sepultado no cemitério do Rio Feio;

Maria - com 5 anos de idade, faleceu em janeiro/1888 no bairro do Rio Feio, filha de Valentina, escrava de Rafael do Amaral Camargo; sepultada no cemitério do Rio Feio.

Vicente - escravo de João Guedes Pinto de Mello, no bairro da Serrinha, faleceu em fevereiro/1888 e foi sepultado no cemitério do Rio Feio;

Ignácio - Ignácio Xavier de Freitas - escravo de Antônio Albano de Oliveira Rosa, no bairro Aleluia, faleceu em 08/09/1888, com mais de 100 anos de idade e foi sepultado no cemitério do Rio Feio;

Benedita - escrava de Domingos Carneiro da Silva Braga, no bairro Aleluia, faleceu em outubro/1888 e foi sepultada no cemitério de Tatuí;

Gabriela - escrava de Francisco do Amaral Camargo, no bairro do Rio Feio, faleceu em 27/02/1889, com 26 anos de idade e foi sepultada no cemitério do Rio Feio;

Adolfo - filho de Rosa, escrava de Feliciano do Amaral Camargo, no bairro do Rio Feio, faleceu em 04/06/1889 e foi sepultado no cemitério do Rio Feio.

3.4.5 Casamentos de escravos e descendentes

Encontramos nos livros de casamentos da Capela de Nossa Senhora da Conceição, de Tatuí, e no Cartório de Registro Civil de Porangaba, alguns assentamentos referentes aos anos de 1871 a 1894:

Aos 25 de janeiro de 1871, casamento de Venâncio e Maria - escravos de Cândido Silvestre Domingues; ele, filho de Joaquim e Tereza, escravos de Maria Vieira; ela, filha de Tibúrcia, escrava de Joaquim de Oliveira, ambos, naturais e batizados na Diocese do Rio de Janeiro. Testemunhas: José Silvestre Domingues e Joaquim Januário Ribeiro. Casamento realizado em Tatuí.

Manoel Prudente, filho de Benedito (escravo de Escolástica Maria do Amaral) e Maria Benedita, liberta, casou-se com Joana Antunes, filha de

Escolástica Maria; ele, natural de Cruz Alta, no Rio Grande do Sul, e ela de Porto Feliz. Casamento realizado em Tatuí, na Igreja Matriz, no dia 18/02/1871. Foram testemunhas: Manoel Eugênio Pereira e Joaquim do Amaral Camargo.

Casamento de Prudente e Rosa; ele, com 55 anos de idade, filho de pai incógnito e de Maria, escrava de José Coelho Pereira, de Porto Feliz; ela, com 40 anos de idade, viúva de Anvelino, escravo de Antônio do Amaral Camargo. O casamento foi feito na Capela de Santo Antônio do Rio Feio no dia 10/11/1886.

Alexandre Manoel Domingues casou-se com Laurinda Maria do Espírito Santo; ele, filho de Luciano e Hermenegilda, ex-escravos de Joaquim Leonel Ferreira. Casamento realizado na Capela de Santo Antônio do Rio Feio em 1888.

O casamento de Severino e Bárbara, realizado em 03/06/1888; ele, com 28 anos de idade, filho de Benedita (ex-escrava de Domingos Carneiro da Silva Braga) e ela, com 14 anos de idade, filha de Maria (ex-escrava de Francisco da Silveira Garcia).

O assentamento do casamento de Honório e Felicidade, realizado em 21/06/1889, na Capela de Santo Antônio do Rio Feio, na Freguesia da Bela Vista de Tatuí; ambos libertos, brasileiros, ex-escravos de Otaviano de Tal. Ele, lavrador, com 21 anos de idade, filho de Manoel e Joana; ela, doméstica, viúva de Ignácio, com 30 anos de idade. Testemunhas: Francisco Correa Pires e João Lemes de Farias.

Casamento de José Martins e Maria Soares de Miranda realizado no dia 08/05/1894, no Cartório da Bella Vista; ele, filho de Lourenço e Porfíria, ex-escravos de Bento Martins de Araújo; ela, filha de Salvador e Benedita, ex-escravos de João Francisco Soares

3.4.6 Batismos de filhos de escravos

Nos livros de batizados da Capela de Nossa Senhora da Conceição de Tatuí, encontramos:

Batizado do menino Adão, com 19 dias, filho de Maria, solteira, escrava de Francisco Xavier de Camargo, realizado na Igreja Matriz de Tatuí, no dia 21/11/1856. Foram padrinhos: Salvador e Brígida - escravos de Segismunda dos Santos Fonseca (Segismunda Machado).

Batizado da menina Maria, filha de Conceição, escrava de Salvador do Amaral Camargo, em 1862

na Igreja Matriz de Tatuí. Testemunhas: Francisco Alves e sua mulher Ana Joaquina.

Batizado de Rita, filha de escravos de João Machado da Silva, em março de 1865, na Igreja Matriz Tatuí.

Batizado do menino Belarmino, filho de pai incógnito e de Tereza, escrava de Policarpo José Gomes, do bairro do Ribeirão das Conchas (Ferreira), realizado na Igreja Matriz de Tatuí, no dia 26/12/1868. Foram padrinhos: Francisco Alves Barreto e Maria da Conceição.

3.5 A IMIGRAÇÃO

3.5.1 Histórico

Tudo começou com a imigração⁸ para a Província de São Paulo, a partir de 1870, com a chegada dos europeus para substituir a mão de obra escrava. Muitos vieram nessa data, mas a vinda ininterrupta de italianos começou mesmo, para valer, a partir de 1882. Passamos a ter a imigração subvencionada, com grande êxito, cujo sucesso foi atribuído aos esforços de Queiroz Teles, Visconde de Parnaíba, que mais tarde (1886/87) assumiu a presidência da Província de São Paulo. Incentivou a formação de um novo órgão promotor de imigração, construindo na cidade de São Paulo a hospedaria de imigrantes, com dormitórios, refeitórios, enfermaria e lavanderia, onde os recém chegados poderiam alojar-se gratuitamente por uma semana, até que fossem distribuídos para as fazendas. No ano de 1888 chegou a acomodar 4000 pessoas e insistiu com os fazendeiros para que oferecessem habitações limpas e saudáveis aos seus colonos. Se, até mais ou menos 1895, a maior parte da imigração de classe inferior era subvencionada e destinada às fazendas, como explicar de onde vinham os estrangeiros que, de 1870 a 1890, já apareciam como operários, têxteis, engraxates, vendedores ambulantes, artífices e trabalhadores manuais? Existem duas situações, assim colocadas:

- *1ª - o sistema de colonização exercido pelos fazendeiros era capitalista e de tipo urbano; dava ao imigrante transporte e*

⁸ *A saga de levas de imigrantes que se deslocaram de seus países de origem, por razões históricas que muitos não chegavam a entender, das aldeias européias oitocentistas, para a terra desconhecida, atraídos com promessas que logo se tornaram decepções, possibilitou o contato com lugares, gentes e culturas diferentes e, principalmente, o surgimento de um novo brasileiro pela surpreendente mistura aqui ocorrida.*

História da Vida Privada no Brasil – vol.2

satisfação das necessidades vitais, mas mantinha intacta a grande propriedade; o colono, uma vez cumprida as suas obrigações, estava livre para se mudar para onde quisesse, pois não possuía terra e, caso tivesse vindo de área urbana de seu país de origem, poderia mudar-se para a cidade, já que eram enormes as disparidades entre as oportunidades rurais e urbanas;

- 2ª - muitos imigrantes subvencionados ficavam nas cidades e, já no ano de 1887, por exemplo, as autoridades brasileiras decidiram evitar a vinda de negociantes e artistas italianos de Genova para São Paulo, preferindo as famílias de agricultores. O europeu de classe inferior (aqueles que vinham exclusivamente para a lavoura), que fosse empreendedor, descobria que a sociedade paulistana oferecia considerável oportunidade econômica e social. Uma via comum para progredir era o comércio de “mascate”. Carregado de mercadorias baratas e de quinquilharias da cidade, (se fosse próspero, conduzindo uma ou duas mulas), o mascate percorria fazendas, vendendo ou fazendo trocas. Sonhava em conseguir o capital suficiente para abrir um pequeno armazém de artigos generalizados (secos e molhados) numa estrada movimentada do interior, numa cidade ou povoado, e progredir. Por volta de 1880, os italianos, principalmente os oriundos da Calábria, monopolizavam o comércio de mascates, mas logo seriam deslocados pelos sagazes e espertos sírios. O influxo dos italianos na capital paulista, no ano de 1897, chegou a superar numericamente os brasileiros na proporção de dois para um.

Imigração Européia			
Italianos	Portugueses	Espanhóis	Alemães
202.503	25.925	14.954	6.196

Imigração Européia - via porto de Santos - 1882/1891

Fonte: Richard M. Morse-1953 - *Da Comunidade à Metrópole*

Leitura

“No processo de imigração é preciso destacar: de um lado, a Europa expulsora e, de outro, a América ávida por povoadores. Nessa época é que populações inteiras, cujo horizonte estava circunscrito às aldeias nativas e o comportamento pautado por regras seculares, que passavam de pai para filho pela via oral, viram-se atiradas num vasto mundo de anônimos. Povos,

portadores de culturas e hábitos diferentes, passaram a conviver entre si, obedecendo regras não controladas pelas comunidades a que pertenciam, mas por autoridades invisíveis como as do Estado, da burguesia e dos novos patrões nas terras de adoção. O choque foi inevitável, refletindo nos hábitos de morar, de cuidar da higiene pessoal, de se alimentar e ainda nas práticas religiosas, educacionais e sanitárias, bastante diferentes daquelas de seu mundo natal. O Brasil era um atrativo para essas famílias mais pobres e que para cá se deslocaram em virtude do quadro de atração de mão de obra para o nosso país. Foi a atitude tomada pelo Governo Imperial, após a abolição dos escravos, com o objetivo de atrair e não deixar faltar trabalhadores, principalmente em São Paulo, onde a multiplicação dos cafezais depois de 1870 passou a exigir mais mão de obra. É preciso entender porque houve essa maciça imigração:

- por existir na Europa, já na segunda metade do século 19, a idéia do mundo imaginário de um Brasil gentil, onde tudo se multiplicaria à larga;
- a passagem do sistema de produção feudal para o da produção capitalista trouxe profundas modificações naqueles países e, à medida que foi implantado tal processo, houve a liberação do excedente de mão de obra que a industrialização tardia da Itália e da Alemanha não absorveu;
- crescimento demográfico da Europa;
- desenvolvimento tecnológico que permitiu a substituição do homem pela máquina;
- a melhoria dos transportes, que liberou para o mercado camponeses sem terra e desocupados.

Tudo contribuiu para uma confusão generalizada, que gerou fome e miséria, primeiro nas cidades, onde vivia uma multidão expulsa da agricultura, principalmente nos países industrializados, e depois no campo. Emilio Franzina, na obra “La Grande Emigrazione”, página 191, cita que na Itália, na região do Vêneto (que participou com 30% do total de imigrantes para o Brasil) os observadores da época extasiavam-se pelo fato de que ali “podia-se morrer de inanição e que a única alimentação da classe rural não passava de polenta, uma vez que a carne de vaca era um mito e o pão de farinha de trigo totalmente inacessível pelo seu alto preço”. Imigrar foi a solução, já que o panorama combinava com as necessidades dos novos países – Estados Unidos, Brasil e Argentina, cujos governos iniciaram um grande movimento para atrair imigrantes para suas terras. Muitos vinham pensando em conseguir dinheiro e voltar e, quando a vida aqui no Brasil não lhes possibilitou conseguir o pedaço de terra almejado, começaram a se movimentar dentro do território brasileiro na busca de melhores salários para que pudessem concretizar o anseio. Transferiram-se de fazenda em fazenda, buscando sempre melhorar as condições de vida. Muitos procuraram atividades mais compatíveis com suas experiências anteriores de vida; as diversas profissões que tinham exercido no seu país natal foi o que possibilitou uma certa ascensão, pois permitiu abandonar o trabalho na lavoura e trabalhar como pequenos artesãos na cidade. Outros, quando surgiu a oportunidade, chegaram a imigrar para países diferentes”.

(História da Vida Privada no Brasil – Nicolau Sevcenko – pág. 216)

3.5.2 O Imigrante Italiano

A imigração italiana para São Paulo somente se intensificou a partir de 1870; antes, Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Minas Gerais e Espírito Santo já tinham recebido italianos. São Paulo não teve jamais uma colonização como ocorreu nos estados do sul. O italiano veio para substituir o braço escravo nas atividades agrícolas, no final do século passado, quase que exclusivamente. Os paulistas não aceitavam o italiano como operário, artífice, etc., mas unicamente como mão de obra agrícola. Esse movimento migratório teve em São Paulo, como consequência, estreita ligação com a abolição da escravidão dos negros. Ao final da segunda década do século passado começou o declínio da imigração italiana para o Brasil e houve uma verdadeira debandada à Argentina, em decorrência dos incentivos e de uma política mais agressiva nos recrutamentos. É importante citar que muitos imigrantes eram totalmente inadequados ao trabalho agrícola e se recusavam, logo que chegavam, a rumar para as fazendas. Esse foi, portanto, o resíduo que veio formar o proletariado imigrante urbano, que buscava ofícios mais simples, leves, como engraxar sapatos e vender bilhetes de loterias, etc. Ao contrário de outros grupos de imigrantes, os italianos se espalharam por todo território paulista, tanto na zona urbana como rural. No interior, além da agricultura, do comércio e do artesanato, dedicaram-se também à atividade industrial e introduziram fábricas de adubos, colas, peneiras, pregos, massas alimentícias, tecidos, indústrias domésticas, etc. A influência italiana também se fez notar nas construções urbanas, a partir de 1880, através de um tipo de edificação trazido pelos mestres-de-obras, com destaque especial para as fachadas das casas e que chegou a alterar a fisionomia das cidades. Fundaram também escolas e bandas musicais. Carlos Penteado Rezende, historiador, na obra “São Paulo, Terra e Povo”, escreve:

“Em pleno Império, as bandas de música desfrutavam por toda parte de imensa popularidade. A tradição vinha de longe. As bandas militares já nos tempos coloniais e depois as bandas civis (corporações, liras, filarmônicas, etc.) concorreram para o desenvolvimento musical na província, apresentando-se garbosamente nas festas, procissões, retretas. Para a consagração popular dessas bandas é de justiça realçar que a imigração italiana, incrementada após a república, forneceu

apreciável dose de entusiasmo e pessoal habilitado”.

3.5.3 Os Imigrantes em Porangaba

A chegada de imigrantes europeus na “Bella Vista de Tatuhy”, ocorreu, certamente, a partir de 1880, e com maior intensidade nos primeiros anos do século passado. No início, exclusivamente como mão de obra agrícola, embora existissem exceções principalmente entre os portugueses, os primeiros a chegar. Manoel Isidoro Brenhas, um dos fundadores, e o capitão Francisco da Silva Cardoso, o segundo intendente, eram portugueses. O mesmo ocorreu com os italianos, cuja maioria veio para trabalhar na lavoura. A verdade é que muitos viajaram também por conta própria, como voluntários, estabelecendo-se no comércio; outros como artistas e artesãos. Muitos chegaram pelo sistema de subvenção, (mesmo alguns portugueses) como a maioria dos italianos que veio para a Fazenda São Martinho.

Curiosamente, muitos homens vieram antes, na frente, sozinhos, para depois trazer o restante da família, mas alguns não conseguiram concluir o sonho, pois viriam a falecer quando já trabalhavam na lavoura de café, acidentados ou atacados por venenosas cobras que existiam na região. Tivemos, também, casos de imigrantes que chegaram via América do Norte e Argentina, onde trabalharam temporariamente. Buscavam novas oportunidades, melhores condições de vida, pois a situação econômica nos países europeus era difícil e recessiva. Até a suspensão da subvenção em 1927, o maior grupo recebido foi o italiano, vindo depois o português, o espanhol e outros.

Portanto, a influência do europeu na nossa cultura foi enorme, alterando alguns hábitos e costumes, interferindo nos métodos de trabalho na lavoura, na culinária, no artesanato, na educação, na música, no esporte, na linguagem, etc.

A Fazenda São Martinho, que pertenceu à Família Guedes de Tatuí, foi a propriedade rural que mais recebeu imigrantes - principalmente italianos, pois as atividades agro-industriais ali desenvolvidas exigiam mão de obra direcionada à lavoura e, ainda, para operar máquinas a vapor, caldeiras e serraria. Existiu uma outra fazenda, na divisa com Bofete, no bairro da Boa Vista, que pertenceu a Antônio Brenhas e João Koch (alemão), área cafeeira, que também recebeu imigrantes. Um dos administradores foi o italiano Giuseppe Colombara, que, depois, fixou-se em Porangaba e formou tradicional família.

Estrangeiros em Porangaba em 1901

Fonte: Jornal "Cidade de Tatuí"

Nacionalidades	Quantidade
Italianos	96
Portugueses	08
Alemães	01
Espanhóis	10
Austríacos	04
Norte-americano	01
Árabes	08



Dina Bechelli de Oliveira - a última imigrante italiana viva em Porangaba; chegou em 1924 com 6 meses de idade. Maio/2001

3.5.4 Italianos

A influência dos italianos na vida sócio-econômica de Porangaba é um fato inquestionável. Como reconhecimento, tentaremos relacionar o maior número possível de famílias pioneiras:

José Gorga (padre), João Gorga e Maria Ricco, Archanjo Gorga, Luigi Gorga, Paulino Cassetari e Teresa Cassetari, Adolfo Cassetari, Constantino Cassetari e Maria Cassetari, Carlos Cassetari, Décimo Cassetari, Rafael Cassetari, Ângelo Cassetari e Georgina Magnani Cassetari, Santino Cassetari e Maria Rocchicioli, Domingos Vangioni, Ângelo Vangioni, Jacinto Gussi, Luiz Livania, Agostinho Guaseli, Guilherme Russi, Raphael Foterni, João Pescatori e Hercília Pescatori, Luigi Rondó e Maria Rosário Calló, Carmela Rondó, Luigi Camerlingo e Henriqueta Citarella, Giuseppe Camerlingo, Domenico (Domingos) Camerlingo e Rosa Rondó, Rafael Camerlingo e Rosa Alpaio, Horácio Camerlingo, Clementina Camerlingo, Carmine Alpaio, Giuseppe Colombara e Maria Pasinato, Luigi Biagioni e Maria Bechelli, Ângelo Biagioni, Giocondo Biagioni, Ângelo Santino Biagioni e Ítala Magnani, Efsio Magnani e Ana Magnani, Nazareno Tavante e Magdalena Tavante, Zelindo Tavante, Giovane (João) Bassoi e Helena Fillipi Bassoi, Felipe Bassoi, Eduardo Bassoi e Antinésca Bassoi, Giuliano (Julião) Bassoi, Ângelo Bechelli e Concheta Bertoncini, Dina Bechelli, Pedro Bechelli, Carlo Attedeschi, Domingos Frudelli, Família Juliani, Ângelo Baldassim e Adelaide Belini, Família Bertin, Família Merlin, Domingos (Domenico) De Bonis e Maria Rugeri, Sebastião Pérsio e Tomazza Pérsio, Higinio Nordi, Família Del Vinha, Família Bertolini, José Perciani, Adalberto Provensani Perciani, Vicente Bertoni e Marianina Bertoni, Giocondo Rossi, Francisco Brasile (Chico Carmo), filho de Carmine Brasile, Luigi

Solimene, Carmo Solimene, João Nuchera (Carmelo) e Teresa Penachini, Domenico Valário, Paulo Valário e Maria Penachini, Jácomo e Angela Brizzaco, Cezare Maurizzi (Cezário Maurício) e Virginia Antulini, Família Avallone, Luigi Angelini e Rosa Cassetari, Francesco Angelini, Rafael Pássaro e Custódia Pástina, Aquiles Chierici, Henriqueta Chierici, Henrique Neri, Mariano Capuano, Augustinho Lunardi, Eduardo Simonato e Amabile Costa, Baptista Rossi e Carolina Rossi, José Cecchi e Maria Cecchi, Carlo Rondina, José Brasile, Adolfo Vanduchi, Foramilo Luigi, Serafim Corsi, Luigi Corsi, Gaspar Richi, Demócrito Ferracini, Alfredo Fallosi, Benedito Fallosi, Tranquilo Ferraresi, Fermichi Ferraresi e Maria Dorzana, Mário Capone, José Malama e Lúcia Malama, Franciso Barbanti, Jesuíno Capanga, João Nacabo e Carolina Maffa, Pedro Zonta, José Zonta e Luiza Floriano, Vitório Montini, Ângelo Montini e Aristéia Sganzeza, José Losette, Vicente Adlário e Terezinha Rissocoze, Giuseppe Carlini, Dario Sbrana e Emma Sabrana, Elídia Sbrana, Gaspar Songania, Tereza Songania, Giacomo Ballarini e Luiza Gallo, Giulio Meucci, Ursulina Meucci Maracini, Antulini Andrea e Maria Francisconi, Rossini Antulini, Júlia Antulini, Antônia Antulini, Santo Romagnolo e Sestilia Antulini, Francisco Penachini e Josefina Alfredo, Antônio Galovatti e Antônia Muzacchi, Gaspar Bortola e Maria Bonini, Luigi Livania, Aurélio Andrioli, Ângelo Lodi e Luiza Pogati, Marigo Santo e Alexandrine Rosa, Giuseppe Alexandrini e Maria Bombecini, Lorenzo Baldo, Família Ghabestini, Francisco Argentó, José Botto, Família Buzzolan, Família Antonelli, Silvério Bonini e Catarina Bonini, José Maimá e Lúcia Cassote, Ângelo Grolla e Pascoalina Morgante, Domingos Ferragone, João Casarino e Ângela Sinti, Lucídio Quinato e Tereza Delaneze, Lourenço Ghabertin, Demétrio Rossini, Ângelo Zago, Bortolo Marson, Genoveffa Marson, João Lazzo, Domingos Tonelli, Domingos Ferrari, José Ferrari e Emilia Búrnica, Aquiles Geminiane, Pedro Zanatta, Pietro Galbiatti, Francisco Janetti, Pedro Bertoncini, João Jerroti, José Bertolini, Giovanetti Francisco e Maria Cassetari, Antônio Rochicioli, Natale Asti, João Gerroto, Aurélio Andreolli, José Bartoloni, Nicola Ferragone, Benedito Melchiorre e Domingos Melchiorre, Maria Augusta Simon, Henrique Neri, Padre Antônio Dragone etc.

3.5.5 Portugueses

Foram os primeiros a chegar, não tão numerosos como os italianos que vieram depois, embora o fluxo regular da imigração lusitana tivesse iniciado no Brasil já em 1840. Foram pioneiros e passaram a ter maior peso na formação do povo porangabense, pois, além dos oriundos, participaram especialmente os descendentes dos colonizadores representados pelos caboclos e mestiços, a geração mameluca, formada a partir do século 16, pela grande miscigenação que houve no período colonial. De raça predominantemente branca, trabalharam na lavoura e no comércio. Foram, também, os primeiros

artífices, marceneiros, ourives, pedreiros, carpinteiros, relojoeiros, ferreiros, funileiros (latoeiros), oleiros, etc. Atuaram em todas as atividades sócio-culturais e recreativas da comunidade; a grande maioria professava o catolicismo. Portanto, a tese mais confiável é de que as primeiras famílias que para aqui vieram eram de raiz portuguesa. Os próprios portugueses continuaram a chegar voluntariamente e, a partir de 1870 até o final do século, o fluxo migratório diminuiu consideravelmente quando foi substituído pelos italianos. É importante registrar que nunca houve quaisquer restrições à vinda de portugueses e o movimento migratório lusitano cessou mais por desinteresse que por proibição.



Amândio Luiz Fernandes

Famílias

Alguns nomes: *Manoel Isidoro Brenhas (fundador), Francisco da Silva Cardoso (o segundo Intendente), Manoel da Silva Cardoso, Antônio Maria Tricta (administrador da Fazenda São Martinho) e Maria Justina Tricta, Manoel Francisco Cardoso, Antônio Medeiros, Antônio Boava, João Boava, Francisco São Pedro Martins, Manoel Ignácio São Pedro e Luiza Rodrigues, Francisco Ignácio São Pedro, Elisa de Jesus Miranda, Domingos da Cruz São Pedro, Manuel Emílio São Pedro (Nelo), José Antônio São Pedro(1), Maria dos Anjos São Pedro, Leontina Helena do Amaral, Francisco Patrocínio São Pedro, Abílio São Pedro, Ana Maria São Pedro, Maria da P. São Pedro, Claudina São Pedro, Francisco São Pedro, José Antônio São Pedro(2), Manoel São Pedro, Manoel Luiz Fernandes e Maria do Céu, Laurentino Fernandes, Amândio Luiz Fernandes, Laurinda Fernandes, Olívia Fernandes, Martinho Pires, Pe. Antônio Augusto, Pe. Antônio Joaquim Pereira, Pe. Antônio Henrique Pereira, Manoel Soares da Silva (Silva da Jardineira) e Alzira Otão Silva, Manoel Secco Fernandes, os Granjeiro, os Medeiros (Colaços), José Alves, Antônio Alves Antunes, Manoel Alves Antunes (Manélio), Xavier Alves, Maria Ascensão Alves (filha de Emília da Encarnação), Maria dos Anjos Ferreira (filha de Antônio Ferreira Secco), José Alves Antunes, Francisca da Glória Alves (filha de Antônio Alves), Eduardo Marques, (Jardineiro), filho de Alexandre*

Marques, Gustavo de Almeida Barbosa (Bar), Manezinho Português, Agostinho Português, Agostinho Gonçalves, Antônio Joaquim Gonçalves (Antônio Português), Manoel Vaz, José Augusto Magueta, Manoel Maia, Gonçalo Dias da Silva e Ana Costa Ramalho, Paulino Valente, Miguel Valente, Manoel Euzébio e Maria Francisca, Adolfo Vicente e Agostinha de Jesus, José Lutero e Josefa Joaquina, Manoel Antônio Coutinho, Bernardino Monteiro e Patrocínia Adelaide, Augustinho de Assumpção Moreno e Mária do Rosário Moreno, Alfredo de Amorim e Águida Maria Meirelles, Antônio Martins e Maria Bastos, Antônio Joaquim Ferreira, José Dias da Silva e Guilhermina Silvéria, etc.

3.5.6 Espanhóis

Vieram em menor número, voluntariamente ou como imigrantes, dedicando-se à lavoura, ao comércio, etc. Não foram muitos, mas se integraram facilmente e formaram famílias tradicionais. Alguns nomes: *Miguel Rodorat, Juan Garcia Esteves e Dolores Frias, Carolina Garcia Esteves, Maria Júlia Garcia, Antônio Garcia, Dionísio Parga e Ramona Ramirez, Julian Gonzales Bilan (Julião), José Tomé (Pepino), Manoel e Diogo Tomé (filhos de Francisco Tomé), Antônio Candido Ares (Antônio Salgado), Pedro Martins Garcia e Ana Marino Fernandes, Domingos Martins, José Martins, Nilo Martins, Dionísia Martins, Luiz Sola Ares (filho de Dionísio Sola Cruz), Ciro Alonso (filho de Luiz Alonso), Nicola Ortega, Família Santiago, Miguel Serrano, Lúcio Nicola, José Ignácio Cassafedo, José Sanches Muntia, Rafael Gonzales, etc.*

3.5.7 Alemães

O grupo de alemães também foi reduzido, representado por poucas famílias; alguns germânicos aqui se fixaram em definitivo. Destacamos os seguintes nomes: *Henrique Harlich, José Sommerhauser, Stefan Maier (filho de João Mayer), José Wagner (filho de Roberto Wagner), Pedro Horchs, Firmino Momberg, Pe. Ambrósio Marks, Pe. Herman José K. Von Wolff, Famílias Offa, Kunts, Hessel, Holtz, Chrischener Muzel, Falkenbach, Hamberg, Gribeler, Shantz, Strombeck, Hort, Hoffman, Jacob, Hescks; etc.*

3.5.8 Árabes

Foi um grupo relativamente pequeno que veio para Porangaba. Alguns nomes de imigrantes e descendentes: *José Calil, João Farah, Joaquim Farah (Joaquim João Arab), José Abib Hissa, José Abuchain, Felício José, Jorge Abud, Moises Abud, Rachid Abud, Fuad Abud, Abrão Abud, Felício Izzar e Zahia Izzar, Rachid Sallum, Zacarias Abrão, Jorge Abrão, Alfredo Izzar (Alfredinho Turco) e Sandt Izzar, Pedro Izzar, João Cutait, Emílio Hadad (sírio, filho de Abrão Simão Hadad), Cecílio Abdalla Boneder, libanês, (filho de Abdalla Hanna Boneder), casado com Anice Calil Boneder, libanesa, filha de Calil Chibid, Anis Boneder, Elias Fadel Fadel (libanês), Jorge Assef Amad, Jorge*

Rachid, Georges Chammas, Nagib Calixto, etc.



Família Fadel Fadel

3.5.9 Outras nacionalidades:

*José Hoffer, filho de José Hoffer e Marta Nemit, natural de Gguxm, **Hungria**; Stefan Ianoski e Francisco Stefanoski (descendentes de **poloneses**), Agostinho Cassetari e Maria Catarina Cassetari (casada com Giocondo Rossi) – **argentinos**; padre Ângelo Lemarchand e Louis Choupot (**franceses**).*

4. FILHOS ILUSTRES

Porangaba sempre foi honrada e privilegiada por seus filhos que se destacaram nos mais variados ramos de atividade humana. Ocorreu no passado, repete-se no presente e, certamente, será cada vez maior no futuro. Nos campos mais diversos - social, cultural, científico, jurídico, musical, militar, religioso, comercial, empresarial, artístico, artesanal, etc., sempre encontraremos porangabenses. Enumerá-los, todos, seria o ideal, mas como a relação seria extensa, citaremos alguns nomes de conterrâneos exemplares, das mais variadas categorias sociais.

Leônidas da Silva Cardoso – (Major)

Filho do capitão Francisco da Silva Cardoso e da professora América Kuntz Cardoso, nasceu em 16/08/1891. Ocupou cargo de vulto em Botucatu durante a Revolução de 1930, tomando parte ativa no Comando da Brigada Sul, sendo fundador da Legião Revolucionária daquela cidade. Recebeu a patente de “major” pelos serviços prestados. Foi prefeito municipal de Botucatu durante 18 meses, de 1931 a 1933, e realizou nesse curto espaço de governo o que não foi feito em 40 anos de república. Dentre as obras realizadas destacam-se: a reforma completa de 136 quilômetros de estradas municipais; colocação de sarjetas em inúmeras ruas, embelezamento de praças, construção de pontes, ajardinamentos, auxílios financeiros às entidades como o Leprosário Aimoré de Bauru, Hospital do Juqueri, Santa Casa de Misericórdia e

Asilo. Na área educacional, criou escolas municipais. Faleceu em 18/04/1933. Casado, deixou filhos.

Epaminondas Melo do Amaral - (Pastor evangélico)

“Em 1958, em Paris, foi apresentado como a personalidade máxima do Protestantismo Sul Americano e, sabedor do fato, paradigma de humildade, ficou mais que admirado, ficou constrangido” - Maria C. Cerqueira do A. Cebrían.

Nasceu no bairro da Serrinha, em 02/10/1893, filho de Salvador do Amaral Camargo e Maria Justina de Mello Camargo. Frequentou o Seminário Presbiteriano de 1907/1914. Ministro evangélico. Foi professor da Escola de Teologia (1924/1929); Secretário Geral da Companhia Brasileira de Cooperação (1932/1934); da Confederação Evangélica do Brasil (1934/1938) e da União Cultural Editora desde o ano de 1943. Pastor da Igreja Cristã do Brasil. Foi casado com Romilda de Cerqueira Leite. Faleceu no dia 19/08/1962 e deixou filhos. Escritor, colaborador de jornais e revistas. Obras: “Magno Problema”, Rio de Janeiro, Centro Brasileiro de Publicidade, 1946; “Cristianismo Intrépido”, 1940; “Religião Integral” e “O Protestantismo e a Reforma”.

Francisco Pássaro - (Professor/advogado)



Filho de Raphael Pássaro e Custódia Pástina Pássaro, nasceu em 27/11/1908. Conhecido por “Chichilo”, fez o curso primário na Escola Isolada de Porangaba (1916/1919) e o curso de madureza no Ginásio do Estado, em Tatuí (1939/1940). Ali, cursou ainda, a Escola Normal Oficial, vindo, depois, para São Paulo, onde fez o curso de especialização no Instituto de Educação Caetano de Campos. Formado pela Faculdade de Direito da

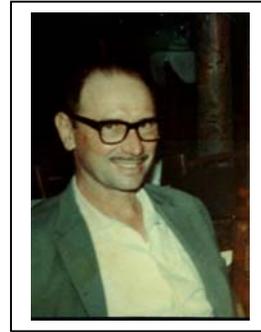
Universidade Fluminense. Foi professor primário em Sorocaba, tendo lecionado no Grupo Escolar “Árvore Grande” e no “Frei Gaspar da Madre de Deus”. Diretor do Grupo Escolar “Padre Leonardo Nunes”, de Itariri, no litoral, e do Grupo Escolar “Ademar de Barros”, de Araçoiaba da Serra (Campo Largo). Foi Prefeito Municipal de Araçoiaba da Serra. Delegado de Ensino de Santo Anastácio e Botucatu. Amante do teatro, foi excelente ator e participou de diversos grupos cênicos, tanto em Porangaba como em Tatuí, junto com a esposa. Foi casado com Amélia Verreschi Pássaro. Faleceu em Botucatu, no dia 02/07/1969 e deixou um filho. Jogou futebol e, como destacado goleiro, defendeu com brilhantismo o Esporte Clube Porangabense. Grande benfeitor, foi o maior incentivador à criação da Santa Casa de Misericórdia de Porangaba, com a doação do terreno e recursos financeiros. Poeta, teatrólogo, pedagogo. Fundou o primeiro jornal de Porangaba - “O Porta Voz”, em 1926. Foi redator do jornal “Operário” de Tatuí, em 1928. Obras: “Lágrimas”, 1941; “Conselhos”, 1962.

Antônio de Oliveira Pinto - (Músico)

“ Predestinado, dotado da aptidão exclusiva dos gênios musicais - o “ouvido absoluto”, que o diferenciou de todos os demais músicos porangabenses em todos os tempos “ - Maestro Pingo

Nasceu em 09/12/1900, filho de Manoel de Oliveira Pinto e Claudina Maria da Conceição. Conhecido como Toninho Cristovão, chegou a cursar o primário e aprendeu música com Mestre Chico, destacado músico de Pereiras. Autodidata, estudou com o maestro João Tonhã, que veio de Guareí, e foi o seu substituto na regência da banda, onde se destacou, tanto como maestro como integrante, por mais de cinquenta anos. Participou de conjuntos musicais; fez parte de grupos teatrais e do coral da Igreja Católica, como maestro, organista e cantor. Chegou a tocar, por pouco tempo, na banda de Tatuí. Além de músico, trabalhou na lavoura, no comércio e por fim no serviço público, onde se aposentou. Ensinou a arte musical para a maioria dos músicos porangabenses. Foram seus discípulos: Roque Soares de Almeida, Cezarino Antunes Correa, André de Almeida Machado, Pedro Nogueira Filho e Lázaro Nogueira da Silva. Tocava os mais variados instrumentos de sopro, além de piano e órgão. Deixou poucas composições, pois sempre preferiu ensinar. Caracterizou-se pela simplicidade e honradez. Faleceu em 16/10/1987. Foi casado com Malvina Proença e deixou um casal de filhos.

Carlos de Almeida Machado - (Artesão)

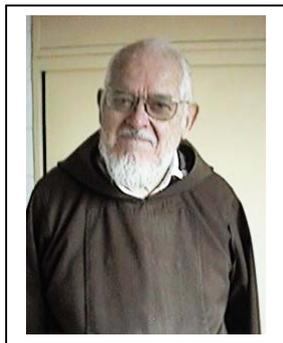


“Simplicidade, honestidade e trabalho marcaram sua vida e, com inata aptidão artesanal, tudo fazia doce e pacientemente com arte. Foi amado por todos que o rodearam”.

(Júlio Domingues)

Eis a imagem do Carlino Ferreiro, perfectivo, jovial, pai extremoso e, para nosso orgulho, porangabense. Nasceu no dia 22/12/1915, filho de Benedito de Almeida Machado e Júlia Antulini. Ainda menino, com a morte do pai, do qual seguiu a profissão, começou a trabalhar na oficina de ferreiro deixada, junto com seu irmão mais velho João. Ali, chegou a surpreender o italiano Ângelo Bechelli, amigo da família, uma espécie de mestre artesão, pela facilidade com que executava as mais complexas tarefas. Facilmente trabalhava o ferro na forja, moldando, criando, recuperando ferramentas e instrumentos agrícolas das mais variadas tâmporas, e atendia, indistintamente, a todos que o procuravam. Desenvolveu os mais intrincados serviços de ferreiro, com extraordinário poder criativo, produzindo facas, facões, canivetes, peças artesanais inigualáveis - verdadeiras raridades e muito requisitadas até hoje. Eclético, foi ainda carpinteiro respeitável e, também, por vocação músico. Logo cedo, era comum ouvir na nossa pequena cidade, à distância, o malhar na bigorna, naquele trabalho pesado, árduo, desgastante, a ferro e fogo, e que, inegavelmente, lhe abreviou os dias; ao entardecer, o som melodioso do clarinete do Carlino ensaiando valsas e dobrados. Iniciou na música tardiamente e parece que queria ansiosamente recuperar o tempo perdido. Além de músico, foi diretor da banda Santo Antônio. Pessoa respeitável pelo seu caráter e honradez, participou ativamente dos movimentos sócio-culturais e da política local. Casado com Cacília Martins, faleceu em 08/09/1971. Deixou filhos.

P. Frei Timóteo Maria de Porangaba - (Capuchinho)



Sacerdote da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, frei Timóteo de Miranda (Acácio Sérvulo de Miranda), filho de Joaquim Manoel de Miranda e Olívia Norberta de Oliveira, nasceu em 23/12/1914. Batizado em 25/12/1915 na Igreja de Porangaba pelo padre Antônio Henrique Pereira. Crismado em 10/05/1916, na mesma igreja, por monsenhor Pascoal Ferrari, visitador da Diocese de Botucatu. Recebeu a 1ª. eucaristia em 23/11/1923, ministrada por Frei Virgílio de Breguzzo. Fez os seus primeiros estudos em Porangaba. Vocação sacerdotal precoce, entrou em 07/08/1926 para o Seminário São Fidelis, em São Paulo. Fez o noviciado em Piracicaba, onde se tornou frade com 17 anos de idade e vestiu o hábito em 21/02/1932. Foram seus mestres Frei Felicíssimo de Prada e Frei Tiago de Cavédine. Fez os votos simples em Piracicaba, perante o Frei Jacinto de Prada, no dia 26/02/1933. Profissão solene em Mococa, perante o Frei Manoel de Seregnano, em 01/03/1936. cursou Filosofia em Piracicaba e São Paulo (1933/34 e 35) e Teologia em Mococa (1936/1937) e São Paulo (1938/39). Primeira tonsura em São José do Rio Pardo, em 23/08/1937, por D. Alberto Gonçalves de Oliveira, bispo de Ribeirão Preto. Foi ordenado pelo bispo D. José Gaspar de Afonseca e Silva, na Catedral de Santa Ifigênia, em São Paulo, no dia 08/12/1938, quando tinha 23 anos de idade. Celebrou missa em Porangaba no dia 11/12/1938. Terminou os estudos em São Paulo em 30/11/1939. Foi professor, pregador, confessor e missionário em Piracicaba (1939); vigário paroquial em São Paulo (1942). No ano de 1945 esteve no Convento São Sebastião do Rio de Janeiro; e em Manaus, para a Missão do Alto Solimões. Em 1946 foi Delegado Diocesano ao Congresso de Ação Católica no Rio de Janeiro e representante do Círculo Operário Amazonense no 5º. Congresso Nacional. Entre 1946 a 1968, passou pelas seguintes cidades: São Paulo,

Piracicaba, Botucatu, Mococa, Penápolis, Pereira Barreto, São José do Rio Preto, Quatá. Capelão do Hospital Matarazzo, na Capital, no período de 1970/73. Superior e vigário do Santuário de Nossa Senhora de Fátima, Sapopemba, São Paulo (1978). Em 1981 - Superior e vigário paroquial - Fraternidade São Miguel, Marília; em 1982 - Seminário São Francisco de Assis - Nova Veneza - São Paulo; em 1986 - São Felix de Cantalício, Vila Guarani, São Paulo. Em 1993, Pároco em Anhembi, SP. Em junho de 1993 internou-se no Convento da Imaculada Conceição, São Paulo, para tratamento de saúde. Outras atividades: Professor de Antropologia; Diretor da Ação Católica Paroquial, da Cruzada Eucarística e da Ação Universitária de Manaus. Radialista, jornalista, poeta e escritor, membro da Academia Piracicabana de Letras. É o primeiro sacerdote católico nascido em Porangaba.

Joaquim Miranda da Silva – (Coronel)

Comandante da Guarda Civil do Estado de São Paulo

Filho de Valêncio Augusto da Silva e Arminda de Almeida Miranda, nasceu em 26/04/1919. Fez o curso primário em Porangaba, onde também estudou música com o maestro Toninho Cristovão, chegando a fazer parte da Banda Santo Antônio. Ainda jovem, chamado à responsabilidade, ajudou o pai nas “lides tropeiras”. Prestou o serviço militar na Unidade do Exército de Itapetininga e seguiu depois para São Paulo, onde, no início, trabalhou como motorista. Ingressou no ano de 1942 na Guarda Civil do Estado de São Paulo, onde, com muita disciplina, estudo e liderança, fez brilhante carreira e alcançou o posto de Chefe Superintendente, o mais alto da corporação. A incorporação da Guarda Civil do Estado de São Paulo pela Polícia Militar, em 1969, não foi obstáculo para continuar sua destacada trajetória e por merecimento atingiu o posto de Coronel da Polícia Militar do Estado de São Paulo. Faleceu em 29/03/1974 na cidade de São Paulo, num acidente automobilístico, sendo sepultado em Porangaba. Foi casado com Júlia Giomo Aranda e deixou filhos.

Martins de Porangaba - (Artista plástico)

José Carlos Martins, filho de Felipe Martins e Olívia Alves Martins, nasceu no dia 20/04/1944, no bairro da Serrinha. Mudou-se criança para São Paulo e com seis anos de idade mostrou sinais de sua vocação artística ao se interessar por desenho. Começou a pintar em 1962 e, no ano de 1967, ingressou na Associação Paulista de Belas Artes para estudar pintura. Foi aluno de Colette Pujol e conheceu pintores renomados como Mário Zanini e

Menacho. Este último foi bastante importante na sua formação artística, sobretudo na pintura de paisagens urbanas e suburbanas da cidade de São Paulo.

A atual fase do trabalho de Martins de Porangaba se expressa em duas técnicas distintas e complementares. Uma delas se caracteriza pela diversificação das texturas e pela pesquisa da cor, linha essa que continua um filão no qual o artista trabalha, há muitos anos, e que o tornou muito conhecido e apreciado, no Brasil e no exterior. A outra técnica, muito recente, retoma seus antigos desenhos e apontamentos em nanquim sobre papel, dando-lhe uma nova dimensão de arte e sutileza. Nesta técnica, Porangaba pinta em telas muito finas, esticadas sobre chassis, mas que podem ser desmontadas e remontadas com passepartouts, debaixo de vidro.

Combinando o uso da tinta nanquim com as cores diluídas da tinta acrílica, essas pinturas expressam o outro lado da arte de Porangaba: o lado recatado, intimista, misto de fluida caligrafia e de manchas polivalentes em tons pastel, contraponto onírico, de equilíbrio e harmonia. Essa nova expressão, espontânea, quase automática, desliza sobre a tela com grande delicadeza, ditada pelo inconsciente. As formas entrelaçadas de mulheres, elementos da natureza e abstrações informais, são as mesmas que Porangaba usa há muitos anos, mas o tratamento camerístico lhes dá uma dimensão de leveza e finura, que emerge como uma inovação da linguagem estética do artista.

Essa expressão resulta de pesquisas recentes que se consolidaram durante a participação de Porangaba no Décimo Workshop Internacional, o qual reuniu artistas dos cinco continentes na grande garagem histórica de locomotivas, em Brande, na Dinamarca, em julho de 2002.

Com a variedade de texturas e a pesquisa da cor, trabalhadas com pigmentos vários e tinta acrílica, aplicados sobre tela espessa em pinceladas largas, Porangaba expressa o lado forte, robusto e solto de sua personalidade. O artista intensifica agora a pesquisa formal, sendo as composições daí resultantes ora mais complexas que no passado, ora contrapondo formas livres e figurativas em estruturas mais claras. Todos os trabalhos em questão, em ambas as técnicas, são baseados em estudos sobre o circo realizados por Porangaba em 1987. Essas técnicas expressam, pois, tanto o lado forte, exuberante e sensual de Martins de Porangaba, como o lado introspectivo e onírico. A composição sinfônica e camerística, concomitantes e complementares, nos dão, hoje, uma arte ainda mais rica e fascinante que no passado.

*José Neisten, PhD.
Executive Director Brazilian-American Cultural Institute
Washington/São Paulo
Membro da ABCA 2002*

“Não é apenas um pintor de figuras humanas, de animais, coisas, paisagens. de Macunaima, do circo. Ele é um pintor da aventura do homem na terra. Pessoas, animais, coisas, a natureza, o sonho, fantasia, são partes desta grande aventura”. “Traço tênue e espontâneo como o salto na terra, liame onde as formas de vida pulsam. Começar, recomeçar, chegar e recuar. O traço é decisivo que ameaça o desejo. E, como na ciranda, a envolvimento das pessoas vai se tramando em sombras, perfis, anatomias, prantos, salivas, suor, alternada paixão entre memória e garra”. (Valmir Ayala - São Paulo)

(Extraído do Livro “Martins de Porangaba” - Enoch Sacramento, São Paulo, 1988)

Sua obra está representada em numerosas instituições, como: a Pinacoteca do Estado de São Paulo, Museu de Arte Contemporânea de Campinas, Centro Cívico de Santo André, Divisão de Museus e Arquivos Históricos de Taubaté, Pinacoteca SANBRA, Pinacoteca Municipal de Piracicaba, Pinacoteca do Brazilian-American Cultural Institute, Spor 1 Gallery Remisen (Brande-Dinamarca), Forum Distrital de Porangaba, e em coleções particulares no Brasil, Alemanha, China, Espanha, França, Inglaterra, Panamá, Portugal, Suíça, Estados Unidos, Venezuela e Dinamarca.

Com mais de 30 exposições individuais, mais de 50 exposições coletivas, recebeu inúmeros prêmios e destaques. Escreveram sobre a obra de Martins de Porangaba os críticos Dominique Edouard Beachler, Enoch Sacramento, Ivo Zanini, Jacob Klintowitz, José Neisten e Walimir Ayala.

Therezinha de Oliveira Pinto - (Artista plástica)

Nasceu em Porangaba no dia 03/02/1932, filha de Aparício de Oliveira Pinto e Armelina Maria Correa de Oliveira. Fez seus estudos básicos no Grupo Escolar “Joaquim Francisco de Miranda” (Porangaba) e no Instituto de Educação Barão de Suruí (Tatuí). Iniciou os estudos artísticos com a professora Maria José Bertin Alegre, ingressando, em seguida, na Faculdade de Educação Artística de Tatuí, onde concluiu sua formação acadêmica. Estudou pintura em tela na Escola Industrial Salles Gomes de Tatuí. Foi aluna de Maurício de Oliveira Lima (linha concretista), dos Irmãos Marmo (fundamentos de desenho) e de Sônia Castro (pintura moderna). Estudou também desenho e pintura (giz pastel) no ateliê de Carlos Augusto Cardoso (Sorocaba). Ingressou na Associação Paulista de Belas Artes, em São Paulo, onde estudou desenho e pintura (linha acadêmica), e foi aluna de Colette Pujol. Estudou aquarela com Carlos Cabral, no Museu Lazar Segal e, também, desenho psico-

dinâmico-motor. Foi aluna de Magda Petroff (São Paulo) e estudou aquarela, mais na linha acadêmica. Estudou aquarela e acrílico, no curso de arte moderna, com o professor Carlos Zeminian (São Paulo). Além de pintar e participar de exposições, dedica-se ao ensino de desenho e pintura, mantendo o seu próprio estúdio e escola em Tatuí. Auto se define como errante, transitando pelas mais variadas nuances do ecletismo, sem, ainda, um estilo definido, marcante, mas mostra a disposição de adotar o que prefere e lhe agrada diante das diversas linhas pictóricas, sem a preocupação de escola ou idéia.

Exposições:

Tatuí - SP- Casa da Cultura, Banco do Brasil, Biblioteca Municipal, CATI-SESI;

São Paulo - Faculdade Santa Marcelina, Clube Espéria, Câmara Municipal, Assembléia Legislativa;

Marabá - Pará - Hotel Del Príncipe;

Campo Grande - Mato Grosso do Sul - STARTE, Galeria de Arte;

Cuiabá - Mato Grosso - STYLU, Galeria de Arte;

Suzano - SP - Prefeitura Municipal;

Agen - França - Galerie Costes Cité Leon Blum;

Miami - USA, Coral Arti Galeria;

Cusco - Perú - Salão Inca.

Premiações

Menção honrosa:

Galeria Momento D' Arte, Goiânia, Goiás;

Galeria Livorno, Exposição UNIONE, Sardenha, Itália;

Exposição "Dream Art Show "- Dania - Florida, USA;

Medalha de bronze:

Secretaria de Esportes e Turismo, São Paulo;

Centro Cultural José Martí, Cidade do México, México;

Medalha de prata

KOGER Executive Center, Miami, USA;

Medalha de ouro

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Tatuí.

Georgina Ayres Bernardi -(Atriz, jornalista e radialista)

Filha de José Justino Ayres e Maria Umbelina de Arruda, nasceu em Porangaba em 1905. Viveu em Tatuí e Sorocaba. Auto se definia como idealista, feminista e oposicionista. Foi a primeira atriz sorocabana, a primeira repórter radiofônica e a primeira mulher a desbançar a hegemonia masculina no campo político partidário. Sua vida foi marcada por muita persistência, uma série de vitórias sobre os tabus e preconceitos que atingiam as mulheres. O seu primeiro emprego foi na Fábrica Scarpa, no período noturno, pois durante o dia estudava no Externato Daniel Verano. Como professora leiga lecionou no bairro Ituvuvú. Trabalhou, também, na Companhia Telefônica e na Laranjim Suprema. Iniciou no teatro no Grupo do Teatro São Luiz, liderado por Avelino Argento e, depois transferiu-se para o Grupo Vicenta, dirigido por João Adade. Foi radioatriz na PRD.7, Rádio

Difusora de Sorocaba, quando a radionovela virou moda. No ano de 1929, ainda ligada ao rádio, ingressou no jornal "Cruzeiro do Sul" e, durante a revolução constitucionalista de 1932, tornou-se a primeira repórter feminina do jornal e da cidade. Casou-se com o jornalista Luiz Caetano Bernardi e passou a residir em Votorantim, onde se dedicou mais a filantropia e deixou a carreira artística. Foi presidente da L.B.A - Legião Brasileira de Assistência e uma grande ativista na campanha de emancipação daquele distrito, na década de 60. Cognominada a Primeira Dama do Teatro Sorocabano, faleceu em 18/08/1994.

(Jornal Cruzeiro do Sul, Sorocaba, 11/04/94 - Rita Bragato e Marinaldo Cruz)

Aldo Angelini - (Comerciante)

Filho de Luiz Angelini e Rosa Cassetari, nasceu em 27/11/1914. Fez o curso primário em nossa cidade e complementou os estudos na Escola de Comércio de Itapetininga. Desde cedo dedicou-se ao comércio, trabalhando ao lado do pai, e manteve também durante muitos anos uma pequena empresa de torrefação de café que comercializava o famoso "Café Angelini". Pessoa de fino trato, educado, caracterizava-se pelo respeito e consideração que dedicava indistintamente a todos. Autodidata, músico, seresteiro, ator amador, destacou-se também na política, sendo vereador e presidente da Câmara Municipal por diversas gestões. Na parte social, foi diretor da Banda Santo Antônio, presidente do Clube Recreativo 21 de Abril e um dos fundadores da Santa Casa de Misericórdia de Porangaba. Foi casado com Maria Amália Miranda Angelini e faleceu, prematuramente, aos 43 anos de idade, no dia 10/04/1957; uma perda lamentável para nossa comunidade. Deixou filhos, dentre os quais o nosso estimado e querido padre Ernani Angelini. A Escola Estadual de 1º e 2º Grau de Porangaba, em homenagem póstuma, recebeu o seu nome

Onozor Pinto da Silva - (Poeta)

Filho de Clemêncio Pinto da Silva e Alexandrina da Silva, nasceu em 13/04/1918. Começou a trabalhar cedo; foi pedreiro, padeiro, mas se destacou como carpinteiro. Fez somente o curso primário, mas, autodidata, estudou os princípios básicos da filosofia, religião e política. Romântico e de sensibilidade impar, mostrou logo tendência para a música e poesia. Músico, foi discípulo de Antônio de Oliveira Pinto e tocou na Banda Santo Antônio. Desde cedo, começou a escrever os primeiros versos dedicados à vida da cidade, cantando os costumes e o cotidiano do povo porangabense. Pode ser classificado como o primeiro poeta autêntico que

louvou os tropeiros, carreiros, carroceiros, as festas tradicionais, as alegrias e tristezas, os aspectos urbanos e rurais e, especialmente, a beleza da mulher porangabense. Nostálgico, mostrou com brilhantismo inigualável o romantismo do nosso povo. As duas obras que publicou constituem um extraordinário legado cultural. Casado com Eugênia Correa da Silva, faleceu em Tatuí no dia 18/07/1996; deixou filhos. Obras: “Orvalhos e Granizos de Minh’ Alma” (1979), e “Enquanto um Poeta existir, o amor não morrerá” (1991).

Antônio Valêncio de Oliveira – (Padre)

Filho de Marcílio José de Oliveira e Olímpia da Silva Oliveira, nasceu em 11/08/1935. Fez os seus primeiros estudos na terra natal e, ainda menino, em 1950, ingressou no Seminário Menor São Carlos Borromeu de Sorocaba. Estudou filosofia em Viamão (RS) e concluiu seus estudos em São Paulo. Ordenou-se sacerdote em 08/12/1963 e, no início de 1964, assumiu como coadjutor na paróquia de Angatuba. Trabalhou como pároco até 1969, época em que construiu o Salão Paroquial, hoje Centro Comunitário, com a participação e trabalho voluntário do povo. Em 1969 deixou o sacerdócio e constituiu sua família, mas, como leigo, jamais abandonou o espírito de cristão, sua inabalável fé em Deus e o amor ao próximo. Continuou seus estudos e se dedicou ao magistério secundário. Lecionou filosofia e literatura nas faculdades de Itapetininga e Tatuí. Foi vereador na Câmara Municipal de Angatuba de 1977/82, sendo o presidente da edilidade por duas vezes. Fundou o jornal “A Verdade” naquela cidade, fechado durante a ditadura militar. Dotado de grande cultura pela sua formação humanista, sobretudo em filosofia, tinha o dom da oratória, sendo considerado pela eloquência, fluência e clareza, um destacável orador. Faleceu em 18/02/1997, com 61 anos de idade, na cidade de Sorocaba, sendo sepultado no cemitério de Angatuba.

Iracema Isabel Biagioni - (Professora)

Filha de Luiz Biagioni e Maria Bechelli Biagioni, foi a professora municipal que mais se destacou em toda história educacional do município. Trabalhou por mais de trinta anos na zona rural. Mostrou vocação inata, precoce, para ensinar, e aos treze anos, incentivada pelo professor Nicanor de Arruda, diretor das Escolas Agrupadas de Porangaba, montou uma sala de aula na casa de seus pais, onde brincava de “dar aula” com as crianças mais jovens. Desenhava-se aí uma brilhante carreira, exercida com dedicação e amor. Lecionou, no início, na escola do bairro da Serrinha, como substituta. Foi, depois, estudar na Escola Normal de

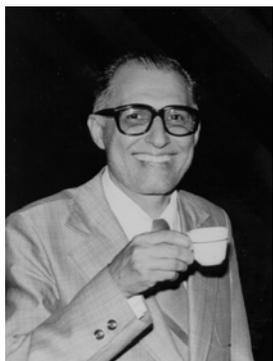
Tietê, mas, por motivo de saúde, não concluiu o curso. Autodidata, iniciou, então a carreira de educadora na área municipal, trabalho onde ganhou o respeito de todos pela dedicação e competência. Na gestão do prefeito Joaquim da Costa Machado (1934) trabalhou na escola do bairro dos Generoso. Transferiu-se, em seguida, no ano de 1935, para a escola do bairro da Serrinha; ali permaneceu por sete anos. Trabalhou, depois, nas seguintes escolas: Fazenda São Martinho, Fogaça, na escola municipal da cidade, no bairro do Rio Bonito, retornando, daí, novamente para a Serrinha, onde permaneceu até sua aposentadoria. É tida como uma das melhores mestras na história escolar local, com métodos pedagógicos bastante avançados à época, introduzidos nas unidades rurais por onde passou, praticamente sem recursos, mostrando a sua criatividade e iniciativa. Gostava de alfabetizar, optando pelo 1º, 2º e 3º anos e, dentre as atividades paralelas, mantinha, com a ativa participação dos alunos, jornal semanal, horta e até uma pequena farmácia. Solteira, faleceu em Porangaba no dia 04/09/1998.

Madre Angélica Maria da Sagrada Face

Maria Luzia Rachel Pescatori, filha de João Pescatori e Ercilia Lunardi, italianos, nasceu em Porangaba no dia 11/11/1898. Com 10 anos de idade, na companhia dos pais, esteve na Itália e, ao retornar ao Brasil, a Família Pescatori fixou-se em Botucatu. Ali, completou seus estudos. Ingressou na Congregação das Irmãs Franciscanas, sendo por 18 anos consecutivos Superiora Geral da Congregação e retomou o cargo, por mais 4 anos, no Capítulo Geral de 1969. Graças aos seus ingentes esforços junto à Sagrada Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares, em Roma, durante os dois primeiros sexênios, conseguiu o Decreto de Louvor da Congregação e sete anos depois, a Aprovação Definitiva, nas datas de 02/12/1945 e 06/12/1956, respectivamente. Por todos esses benefícios, toda a Congregação lhe é muito grata. Faleceu em Campinas, na Betânia Franciscana, em 15/12/1988, sendo sepultada naquela cidade. Contava 90 anos de idade e 67 de vida religiosa, vividos intensamente.

(Extraído do Comunicado de Falecimento feito pela Irmã Armanda Franco Gomes de Camargo, Superiora Geral, em 29/12/1988)

Abel do Amaral Camargo - (Pastor evangélico)



Filho de Marcílio do Amaral Camargo e Jesaias Pires de Camargo, nasceu em Porangaba no dia 09/09/1925. Fez os estudos iniciais em sua terra natal e, depois ordenou-se pastor pela Igreja Presbiteriana Independente. Na década de 60, no auge do avivamento espiritual que se instaurou no meio presbiteriano, teve importante atuação na fundação da IPRB – Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil, em cuja organização foi o 1º. Presidente. Conservando na essência a teologia e a forma de governo das presbiterianas, a IPRB cresceu muito e, hoje (2000), sediada em Arapongas – Pr, possui 29 presbitérios, 75.770 membros, 287 igrejas e 538 pastores. Faleceu em Assis – SP, no dia 22/09/1995, onde está sepultado. Foi casado com Jaci de Almeida Camargo. Deixou filhos.

Domingos Luiz Machado - (Músico)

Porangabense, filho de João Luiz Machado (João Neto) e Elisa Dias Siqueira (Elisa Neto). Fez o curso primário na sua terra natal e mudou-se para Sorocaba, onde descobriu sua paixão pelo violão. Como instrumentista, foi convidado pelo músico Roque de Souza para se apresentar na PRD.7 - Rádio Clube de Sorocaba. Transferiu-se para São Paulo, onde estudou guitarra com o professor Cadamo, músico do Teatro Municipal. Convidado por Marmo Soares, ingressou na Rádio Piratininga. Estimulado, mudou-se para Curitiba, e trabalhou como músico e professor, apresentando-se, também na Rádio Cambará. Mudou-se, depois, para Porto Alegre, apresentando-se na Rádio Gaúcha e tocou com o famoso acordeonista Breno Sawyer. Em 1955 retornou a São Paulo e trabalhou nas rádios Tupi e Gazeta, já como profissional. Em 1966, como integrante de um conjunto musical, fez sua primeira excursão internacional, tocando em diversos países europeus. Em 1968, com o Conjunto “Brasiliiana” de Múcio Askanasky apresentou-se na Alemanha

Ocidental, Itália, Suécia, Dinamarca, França, Suíça, Espanha, Portugal, Inglaterra (fez apresentação na BBC) e Holanda (onde permaneceu três anos). Apresentou-se, também, em países da África, Ásia e Oceania. Em 1973, retornou para São Paulo, onde atuou em casas dançantes, orquestras e gravações. Fixou-se, depois, no Rio de Janeiro e fez parte da famosa Orquestra Tabajara, de Severino Araújo. Músico de renome, é tido como um dos mais importantes guitarristas brasileiros. Arranjador e compositor..

Ivo Mendes - (Advogado, escultor e músico)



Filho de Mário Mendes e Lina de Bonis Mendes, nasceu em Porangaba no dia 26/04/1937. Fez os estudos iniciais em sua terra natal e, depois, transferiu-se para Tatuí. Formou-se advogado. Com vocação às artes, aprendeu música com o maestro Cezarino Antunes Correa, destacando-se, logo cedo, como trompetista. Fez parte da Banda Santo Antônio. Tocou também nas orquestras Tro-lo-ló (Tatuí), Carlos Eli (Capital) e na famosa orquestra Continental (Jau); participou, ainda, dos Conjuntos de Mário Edson e os “Tatuís”. Deixou de tocar muito cedo, passando a exercer com destaque a advocacia. Complementando os seus dotes artísticos, além da poesia, dedica-se à escultura, sendo os seus trabalhos em argila de extraordinária beleza. Reside em Tatuí, onde participa ativamente, de uma série de projetos sócio-culturais e programas filantrópicos.

“Personagem de bons ofícios, advogado, escritor, esotérico, escultor, músico, poeta. Advogado de causas nobres perdidas, esquecidas. Imbuído no sentido de servir à justiça, atento, desperto na verdade do ser humano em sua dignidade. Um homem arrojado, dinâmico, simpático, generoso, trabalhador e briguento. Pois é, um homem, um grande homem que mora em um soft, com simplicidade chic dos que vivem em paz.”Cristina Siqueira – poetisa – “O Progresso de Tatuí” – 1996

Luiz Antunes da Rosa – (Artista)

Conhecido como Luizinho Rosa, filho de José Antunes da Rosa e Benedita da Conceição, nasceu em 22/11/1927, no bairro da Serrinha, no sítio de Nhana Serafim, tia de seu pai. Desde cedo, ainda menino, descobriu que sabia cantar desafios e fazer versos e rimas. Começava, então, a brilhante carreira do nosso maior cururueiro, com mais de 1800 apresentações, iniciada em sítios e fazendas, passando por praças e teatros, culminando com o rádio e a televisão, divulgando o “cururu” praticamente em todo território paulista e alguns estados brasileiros. Ainda jovem passou a fazer parte do seletto grupo dos grandes cantadores piracicabanos, quando enfrentou João Davi, em 1946, de igual para igual, na cidade de Cesário Lange, e se apresentou com esmero, sendo elogiado e aprovado pelo mestre. Profissionalizou-se, regularizou a sua profissão e se filiou à Ordem dos Músicos. Compositor e empresário, gravou discos e CDs e embora tenha se aposentado em 1988, continua trabalhando, estudando e se apresentando em eventos da Igreja Evangélica, da qual faz parte. Recentemente, esteve na Terra Santa, realizando o sonho que parecia inatingível, visitando os lugares sagrados e rememorando as passagens bíblicas, tão comuns nas suas cantorias e na sua formação religiosa. Ao passar pelo Egito, apresentou-se publicamente na cidade do Cairo, onde teve a alegria de cantar temas de cururu relacionados às figuras bíblicas de José e Moisés, uma honra para o cururueiro porangabense, certamente o único a conseguir tal proeza.

José Carlos de Arruda

Vereador e Prefeito Municipal de Rio Grande da Serra (Grande São Paulo)

Filho de Francisco Antônio de Arruda e Lázara Maria de Jesus, nasceu em Porangaba, no bairro da Serrinha. Fez o curso primário em sua terra natal e depois mudou-se para São Paulo para trabalhar e estudar. Fixou-se em Rio Grande da Serra, onde dedicou-se ao comércio e, paralelamente, exerceu as funções de juiz de paz. Ingressou na política (PRP), sendo eleito vereador por duas gestões, vice-prefeito, e assumiu a chefia do Executivo em 17/03/1997 em virtude do falecimento do prefeito Cido Franco. Por motivos políticos, não esclarecidos, foi barbaramente assassinado em 31/03/98. Está sepultado no cemitério de Rio Grande da Serra. Casado com Marlene Sanchez Arruda, deixou 4 filhas.

Fernando José Chierici – (Sindicalista)

O exemplo de vida legado pelos imigrantes floresceu por aqui, sendo assimilado e praticado pelos descendentes.

*Nasceu no bairro dos Ferreira, filho de Narciso Chierici e Elvira Maria da Conceição; neto do italiano Aquiles Chierici. Após o término do curso primário, começou a trabalhar na lavoura e, em seguida, veio para Osasco, onde se empregou na indústria. A empresa empregadora utilizava o mineral amianto como matéria prima básica, fato que alterou profundamente sua vida. Exposto ao amianto durante anos, contraiu a doença **asbestose** e, conscientizado da gravidade e do perigo que o produto representa aos seres humanos, passou a se dedicar à causa e lutar pelos operários. Dedicou-se inteiramente ao movimento e foi eleito o primeiro presidente da ABREA – Associação Brasileira dos Expostos de Amianto ⁹, uma entidade sem fins lucrativos e composta inicialmente de ex-trabalhadores doentes, filiada a BAN ASBESTOS NETWORK (Rede Mundial Ban Asbestos). Casado, vive em São Paulo.*

Francisco de Souza Bueno (Pacheco) – (Músico)

Nasceu em Porangaba, no bairro dos Ferreira, mas desde a infância morou em Tatuí, onde fez seus estudos iniciais. Autodidata, não teve oportunidade de estudar música no Conservatório Dramático e Musical “Dr. Carlos de Campos”, pois mudou-se para São Paulo quando a escola estava começando. Na Capital estudou no Villa-Lobos e tocou com artistas e músicos famosos. Participou do grupo “Caco Velho”, cujo fundador foi um dos grandes sambistas paulistas. Instrumentista excepcional, especialista em instrumentos de corda, dedicou-se ao cavaquinho, trabalhando sempre em São Paulo, onde ainda é lembrado e respeitado

⁹ A entidade passou a esclarecer a população exposta, divulgar os riscos do amianto e cadastrar as pessoas para exames médicos em centros especializados para propor ações de indenização para as vítimas e lutar para a proibição do mineral, pois os empresários, mesmo conhecendo os riscos e a nocividade do produto, nada faziam para proteger os empregados, os moradores das cidades e os vizinhos das fábricas. Com uma gestão louvável e o apoio maciço dos sindicatos de Osasco e região, a entidade passou a ter respeitabilidade. Recentemente, coroadando o trabalho desenvolvido no nosso país, integrado na luta que se trava mundialmente, foi realizado em Osasco, no período de 17 a 20/09/2000, o Congresso Mundial do Amianto (Global Asbestos Congress), com a participação de delegações de 40 países, promovido pela ABREA, Ban Asbestos Network e IBAS-Inter.Ban Asbestos Secretariat, sob o patrocínio da municipalidade local. Os resultados foram imediatos e, hoje, o uso do amianto está, praticamente, proibido em todo território nacional.

profissionalmente. Aposentado, tem como passatempo favorito a coleção de mais de 4000 distintivos de clubes futebol, o que mostra a sua paixão pelo esporte bretão. O apelido Pacheco herdou justamente nos dos campos de futebol, onde chegou a participar em 1951 do primeiro clube patrocinado daquela cidade - o Clube Atlético Santa Rita. Casado, vive em Tatuí.

Fonte- O Progresso de Tatuí – 21/07/2002

José Carlos Ramos – (Músico)

Filho de Hermenegildo Soares Ramos e Leontina Machado Ramos, nasceu em Porangaba. Saxofonista, flautista, arranjador e compositor, já fez parte das bandas de Caetano Veloso, Djavan, Gilberto Gil, Hermeto Paschoal, Egberto Gismonte e outros. Como compositor ultrapassou fronteiras, sendo seu trabalho conhecido internacionalmente. Toca atualmente no Conjunto “Barão Vermelho” e a sua composição **Porangaba** faz parte do CD “Streetangels”, que está na lista dos mais vendidos nos Estados Unidos, segundo a “Downbeat”, a bíblia do jazz, cuja renda será revertida para os meninos de rua do Brasil. Faz sucesso na noite carioca com a banda “General Swing”, um grupo que mistura ritmos em suas próprias composições, mais clássicos dos jazz e da MPB. Casado, vive, atualmente, no Rio de Janeiro.

Francisco Rodrigues Correa (Quico)

Prefeito Municipal de Salesópolis, cidade conhecida por sediar a nascente do Rio Tietê.

Filho de Domingos da Cruz São Pedro e Georgina Rodrigues Correa, nasceu em Porangaba. Fez o curso primário no G.E. Joaquim Francisco de Miranda. Começou a trabalhar muito cedo e, depois de passar pelo Estado de Mato Grosso, mudou-se para Salesópolis, onde exerceu inúmeras funções, foi trabalhador braçal, motorista, trabalhou na Junta Militar e no Cemitério Municipal. Formou-se em Direito pela Universidade Braz Cubas de Mogi das Cruzes. Gozando de grande popularidade, pelo elevado espírito de solidariedade, amizade, jovialidade e alegria, procurando sempre ajudar a população carente, elegeu-se vereador por duas legislaturas. Na segunda tentativa para eleger-se prefeito municipal, como terceira força, venceu adversários de peso, caciques políticos tradicionais e profissionais de Salesópolis, pois o povo clamava por mudanças. Católico, ligado ao movimento carismático, dotado de veia poética invejável e amante da música sertaneja. No campo político, desenvolve um profícuo trabalho a frente do executivo municipal.

Eli do Amaral Camargo (Pastor evangélico)

Filho de Juventino do Amaral Camargo e Isolina do Amaral Camargo, nasceu em Porangaba no ano de 1917. Ordenou-se pastor e dentre as diversas localidades, onde exerceu o pastorado, inclui-se a sua própria terra natal. Faleceu em 13 /12/2000 na cidade de Londrina. Foi casado com Alice Pereira do Amaral, destacada líder da Confederação Nacional e da Antiga Junta de Missões Deixou filhos.

Outros nomes

José do Espírito Santo São Pedro

Cirurgião dentista e Diretor do Conselho de Odontologia do Estado de São Paulo

José Alberto Domingues

Superintendente Geral da Nossa Caixa/Nosso Banco

Anélio Basso

Delegado Geral de Polícia da Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo

Vasco Basso

(Advogado e Deputado Estadual) Presidente da OAB de Botucatu

P. Frei Acácio de Porangaba

Capuchinho

Padre Ernani Angelini

Secular

Padre Joaquim Leme da Silva

Secular

Gentil de Oliveira

Advogado e Delegado de Polícia

Urbano Miranda

Advogado

José Luiz Biagioni

Professor e músico

4.1 DESTAQUES

Merecem citação especial alguns nomes de reconhecidos artistas, radicados em Porangaba, onde descortinaram o cenário e ambiente propício para o desenvolvimento de suas obras.

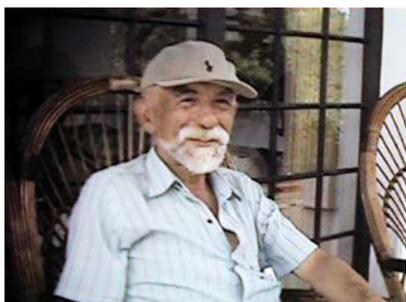
Nego Mendes

(Escultor e Entalhador)

Carlos Alberto Mendes de Assis, filho de José Mendes de Assis e Maria Antônia Nunes do Prado,

nasceu na cidade de Osvaldo Cruz – SP, mas se considera porangabense, pois chegou em Porangaba com 3 anos de idade, e viveu ali sua infância e parte da juventude. Fez o curso primário e parte do ginásio, mostrando forte tendência para o desenho. Ingressou na Polícia Militar do Estado de São Paulo, quando, como autodidata, teve a oportunidade de desenvolver os seus dotes artísticos para o entalhe e escultura, passando, praticamente, a viver da arte. Após passar por Marília, fixou-se no Embu, o grande centro das artes na Grande São Paulo, que reúne os mais destacados artistas paulistas, onde marcou o seu nome e prestígio. Atualmente reside em Porangaba e produz para as lojas artesanais do Embu. Casado pela 2ª vez, tem filhos.

Garibaldi
(Xilogravura)



Pernambucano de Caruaru, o artista, ao se aposentar, optou por residir em Porangaba. Dele, Enock Sacramento escreveu:

“ Entrei em contato com a produção plástica de Garibaldi, pela primeira vez, em 1980, quando ele expôs, juntamente com Martins de Porangaba, pinturas e gravuras no Salão de Exposições do Centro Cívico de Santo André, ...

Agora ele nos chega com uma mostra que tem o sabor do tempo, constituída apenas de xilogravuras, técnica à qual vem se dedicando com maior assiduidade. ... Oito delas são referenciadas nas paisagens urbanas da zona leste de São Paulo e na cidade de Porangaba, onde ele reside.... Duas são paisagens rurais das quais emana o viço da natureza do interior do Estado de São Paulo; uma delas tem com fulcro a própria porteira de sua chácara e as árvores que emolduram, e a outra, com dominantes amarelas, revela em sua poética experiência com os instrumentos cortantes, com as virolas, as superposições de cores, e paixão pelo tema. Tudo muito delicado e forte ao mesmo tempo, em tiragens baixas (no máximo). Se na série urbana e suburbana predomina o caráter nostálgico dos casarios, na rural sobressai o vigor da vegetação, a exuberância da vida, o frescor da natureza e na série simbólica o devaneio, a fantasia, os conteúdos psíquicos, enfim o sonho.

Ao analisar as xilogravuras que expôs em fins de 2000, assinalamos que em duas obras, as últimas produzidas para a mostra, ele trabalhava a gravura como se fosse pintura. Afirmamos então que as cores eram saturadas, densas, o que fazia com que os veios de madeira desaparecessem em muitas áreas do trabalho, que havia superposição de planos e que algumas figuras assumiam um nítido caráter simbólico. Ao retornar ao seu trabalho de ateliê, tomou de uma chapa de virola... O resultado global mostra as múltiplas possibilidades do fazer artístico e o talento de artista inquieto, sempre a procura de novas formas de criação.

5. BIBLIOGRAFIA

1. Ribeiro, Darcy – “ O Povo Brasileiro” , Companhia das Letras – 1995;
2. Donato, Hernani – “ Sumé e Peabiru” – Edições RGD, São Paulo, 1997;
3. Donato, Hernani – “ Achegas para a História de Botucatu”;
4. História da Vida Privada no Brasil – Volumes 1, 2 e 3 – Companhia das Letras;
5. Cândido, Antônio – “ Os Parceiros do Rio Bonito” ;
6. Almeida, Aluísio – “Vida e Morte do Tropeiro”
7. Campos, Carlos de e Frioli, Adolfo – “João de Camargo de Sorocaba” - pág. 59
8. Jornal “ Cidade de Tatuhy” – 1901
9. Jornal “ Diário de Sorocaba” – Caderno Especial – 1993 – José Monteiro Salazar
10. Jornal “ O Estado de São Paulo” – edição de 12/02/97;
11. Jornal “ Folha de São Paulo” – Caderno Mais – José Murilo de Carvalho – 03/10/99;
12. Jornal “ Folha de São Paulo” – Imagens do Brasil – Caderno Especial – Cynara Menezes, 20/04/2000;
13. Lendas da Região – Internet – Frenzy and Fury on Line – História de Sorocaba by Night – Paulo Moraes – ufólogo;
14. Revistas do Instituto Histórico e Geográfico – 26, 27 e 34;
15. Revista Veja – exemplar de 25/08/99;
16. Livros diversos da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Tatuí – a partir de 1823;
17. Livros diversos do Cartório de Registro Civil de Porangaba – a partir de 1891;
18. Homepage oficial dos Violeiros do Brasil, Internet;
19. Fotos diversas do acervo do autor